



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

Lara de Souza Berruezo

**LETRA FEMININA: PROJETO EDITORIAL DE PUBLICAÇÃO DE OBRAS DE  
MULHERES DOS SÉCULOS XIX E XX**

Rio de Janeiro / RJ  
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**LETRA FEMININA: PROJETO EDITORIAL DE PUBLICAÇÃO DE OBRAS DE  
MULHERES DOS SÉCULOS XIX E XX**

Lara de Souza Berruezo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Travancas

Rio de Janeiro / RJ  
2018

Lara de Souza Berruezo

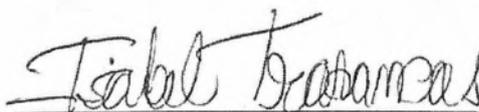
LETRA FEMININA: PROJETO EDITORIAL DE PUBLICAÇÃO DE OBRAS DE  
MULHERES DOS SÉCULOS XIX E XX.

Monografia apresentada à Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de  
bacharel em Comunicação Social,  
habilitação em Produção Editorial.

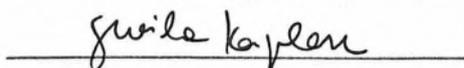
Aprovada em: 25/06/2018

Grau: 9,5

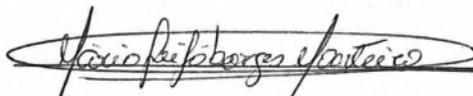
BANCA EXAMINADORA:



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Siqueira Travancas - orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sheila Kaplan



Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B533

Berruezo, Lara de Souza

Letra feminina: produção editorial de publicação de obras de mulheres dos séculos XIX e XX / Lara de Souza Berruezo. - 2018.  
64 f.: il

Orientadora: Prof. Isabel Travancas

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção editorial, Rio de Janeiro, 2018.

1. Mercado editorial. 2. Feminismo. 3. Memória. 4. Literatura. I. Travancas, Isabel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 070.5

Para todas as mulheres  
que nunca foram escutadas  
por serem mulheres.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos os professores que tive ao longo da vida, por me ensinarem a ser uma pessoa mais forte e a seguir os meus objetivos.

Obrigada aos chefes e colegas de trabalho do mercado editorial, pelos ensinamentos e pelas oportunidades.

Obrigada a todos os amigos que contribuíram com ideias para este trabalho.

Um agradecimento especial ao Dr. Paulo Muniz, por me apoiar emocionalmente nos momentos mais difíceis. Obrigada por ser, acima de tudo, um ombro amigo.

Por fim, obrigada a minha família, por aceitar minhas escolhas e me apoiar em todos os momentos.

“Por que a ciência nos é inútil?  
Porque somos excluídas dos cargos públicos.  
E por que somos excluídas dos cargos públicos?  
Porque não temos ciência.”

Nísia Floresta

## **LETRA FEMININA: PROJETO EDITORIAL DE PUBLICAÇÃO DE OBRAS DE MULHERES DOS SÉCULOS XIX E XX**

BERRUEZO, Lara de Souza. Letra Feminina: Projeto editorial de publicação de obras de mulheres dos séculos XIX e XX. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Travancas. Rio de Janeiro, 2018. Projeto Experimental (Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### **RESUMO**

Letra Feminina é a proposta de um selo editorial brasileiro, dedicado à edição de obras escritas por mulheres que, em sua maioria, foram esquecidas ao longo do tempo e se encontram fora do mercado. O objetivo do presente projeto é disponibilizar ao público leitor as obras de muitas escritoras e jornalistas que deram voz às mulheres brasileiras durante o século XIX e o início do século XX em busca de melhorias na sociedade e igualdade de direitos entre os gêneros. Para tanto, propõe-se a criação de um selo editorial com obras agrupadas em coleções divididas por épocas, com identidade visual comum e projetos gráficos modernos. Neste trabalho, inicialmente apresentam-se algumas autoras expressivas da época e suas obras. Depois, apresenta-se o selo, seus objetivos e como se encaixaria no mercado editorial brasileiro. Duas obras foram selecionadas para o lançamento do projeto: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta. Por fim, incluem-se a análise de forças e ameaças do produto e uma proposta de marketing futura, voltada para a divulgação nas redes sociais.

**Palavras-chaves:** mercado literário, feminismo, memória cultural, selo editorial.

## ABSTRACT

*Letra Feminina* is the proposal for a Brazilian editorial imprint, dedicated to the edition of works written by women that, for the most part, have been forgotten over time and are out of the market. The project's purpose is to bring to the reading public many writers and journalists who gave voice to Brazilian women during the nineteenth and early twentieth century in search of improvements in society and equal rights between genders. For this, it's proposed the creation of an editorial imprint with works grouped in collections divided by epochs, common visual identity and graphic designs. In this work, we'll initially present some expressive women authors of their time and their works. Then, the imprint presentation, its objectives and how it would fit in the Brazilian publishing market. Two works are selected for the projects inauguration: *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, and *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, by Nísia Floresta. Finally, it includes the analysis of product strengths and threats and a future marketing proposal, aimed at dissemination in social networks.

**Keywords:** literary market, feminism, cultural memory, editorial imprint.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1:</b> Júlia Lopes de Almeida.....	29
<b>Figura 2:</b> <i>Direito das mulheres e injustiça dos homens</i> .....	38
<b>Figura 3:</b> Nísia Floresta.....	39
<b>Figura 4:</b> Úrsula.....	43
<b>Figura 5:</b> Maria Firmina dos Reis.....	44

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DAS MULHERES</b>	15
2.1	AS MULHERES NA LITERATURA	18
2.1.1	UM ESPAÇO PARA ELAS	19
2.2	AS MULHERES NA LITERATURA: BRASIL	21
<b>3</b>	<b>AS ESCRITORAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX</b>	25
3.1	OS JORNAIS E OBRAS DO SÉCULO XIX	25
3.2	AS OBRAS DO COMEÇO DO SÉCULO XX	30
<b>4</b>	<b>RECUPERANDO AS OBRAS</b>	33
4.1	O SELO FEMININO NOS DIAS DE HOJE	34
4.2	PROPOSTA DE CATÁLOGO PARA O SELO	37
4.2.1	DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS	37
4.2.2	ÚRSULA	41
<b>5</b>	<b>O SELO</b>	45
5.1	DETALHES TÉCNICOS DAS COLEÇÕES	45
5.1.1	O NOME	45
5.1.2	O SÍMBOLO	45
5.1.3	AS CORES	45
5.1.4	O MIOLO	45
5.1.5	AS CAPAS	46
5.2	AS PARTES EXTRATEXTUAIS	46
5.2.1	PREFÁCIO	46
5.2.2	ORELHAS	46
5.3	DEMOGRAFIA DE MERCADO	46
5.3.1	PÚBLICOS-ALVO	46
5.3.2	FATORES GEOGRÁFICOS	47
5.3.3	FATORES DEMOGRÁFICOS	47

5.3.4 FATORES COMPORTAMENTAIS.....	47
5.4 OBJETIVOS.....	47
5.5 ANÁLISE SWOT.....	48
5.5.1 FORÇAS.....	48
5.5.2 FRAQUEZAS.....	48
5.5.3 OPORTUNIDADES.....	48
5.5.4 AMEAÇAS.....	49
5.6 CONCORRÊNCIA.....	49
5.7 PRODUTOS.....	49
5.8 FATORES-CHAVE PARA O SUCESSO.....	50
<b>6 ESTRATÉGIAS DE MARKETING.....</b>	<b>51</b>
6.1 MISSÃO.....	51
6.2 OBJETIVOS.....	51
6.3 POSICIONAMENTO.....	51
6.4 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS.....	51
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, muitas escritoras brasileiras não tiveram a oportunidade de ser publicadas e incluídas no cânone literário. A falta de presença feminina na literatura brasileira do século XIX e da primeira metade do século XX representa fortemente a ausência de voz política da mulher na sociedade da época. No Brasil, as mulheres tiveram o direito ao voto estabelecido apenas em 1932, na Era Vargas. Com isso, durante o século XIX, muitos jornais como o *Jornal das Senhoras*, o *Echo das Damas*, *O Sexo Feminino* e *A Mensageira*, apenas para citar alguns, foram dirigidos e escritos por mulheres, e através deles, elas encontraram um meio para fazer valer sua voz, defendendo direitos como o sufrágio universal e o direito à educação. Muitas dessas mulheres eram jornalistas, escritoras, ensaístas e poetisas, e produziram uma grande quantidade de obras que ficaram esquecidas no tempo.

Durante a presente pesquisa, foi surpreendente constatar a quantidade de escritoras e jornalistas com papel relevante na expressão cultural da mulher na sociedade brasileira. A questão é que a maioria das obras escritas por mulheres do século XIX não está disponível no mercado, e o grande público simplesmente não tem conhecimento da existência de tais obras. Por isso a urgência de resgatá-las. A importância de recuperar o que foi escrito pelas mulheres diz respeito à valorização de seu papel na sociedade e à busca por maior pluralidade de visões, diferentes das apresentadas do ponto de vista masculino.

A escrita permitiu que as mulheres encontrassem sua voz, mesmo que fosse necessário usar pseudônimos masculinos para serem aceitas. A primeira fase do feminismo foi marcada pela “declaração de independência das mulheres” quando mostraram para o mundo que elas também poderiam escrever e, conseqüentemente, também poderiam ter voz. O fim do século XIX foi, em todo o Ocidente, marcado pelo debate que visava repensar o papel das mulheres na sociedade. A partir da década de 1960, tanto no Brasil quanto no mundo, os questionamentos das mulheres foram além dos direitos políticos já adquiridos, como o direito ao voto, e se debruçaram sobre as vivências femininas e seu papel na sociedade, discutindo os conceitos de família, maternidade, sexualidade etc. Nesse segundo momento do feminismo, as escritoras procuraram deixar suas vozes mais livres e explorar mais os tabus.

No mercado atual, não há selos nem editoras especializadas em literatura escrita por mulheres brasileiras. O único selo com foco feminista do mercado editorial brasileiro, que voltou a funcionar em janeiro de 2018, é o selo Rosa dos Tempos, do Grupo Editorial Record,

que publica majoritariamente livros estrangeiros e de autoras contemporâneas.<sup>1</sup> Nos últimos anos, foi possível acompanhar o crescimento da tendência de aquisição pelas editoras de mais livros com protagonistas femininas e heroínas de sua própria história (mulheres fortes e independentes que cativam o público, inspirando as gerações atuais e derrubando preconceitos que recaem sobre as figuras femininas em determinados gêneros literários) e também o maior destaque de clássicos feministas nas estantes das livrarias — como Simone de Beauvoir, Angela Davis e Clarissa Pinkola Estés, principalmente em lojas próximas a ambientes jovens e universitários. Até hoje — se falarmos em porcentagem — as mulheres não são representadas de forma equilibrada no mercado literário, pois em média 70% dos romances lançados são de autoria masculina (DALCASTAGNÈ; 2012).

No final da década de 1970, teve início um forte movimento entre as feministas universitárias, alunas e professoras, para promover os estudos sobre a mulher, através da criação de núcleos de estudos, da articulação de grupos de trabalho e da organização de congressos e seminários com o objetivo de provocar a saudável troca de experiências entre as pesquisadoras. É desta época a criação do Grupo de Trabalho sobre Estudos da Mulher, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), e do Grupo de Trabalho Mulher na Literatura, da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll); assim como a criação do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), da PUC-Rio; do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim), na UFBA; do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (Nielm), da UFRJ; do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero (Nemge), da USP; entre muitos outros que se multiplicaram nas diferentes instituições de ensino superior, enfrentando resistências e desconfianças para cumprir a função de agregar os interessados na temática, promover o desenvolvimento da pesquisa e do estudo de temas relevantes para as mulheres e, principalmente, impulsionar a publicação de trabalhos e preencher a enorme carência bibliográfica existente (DUARTE; 2003).

Com o aprofundamento dos estudos feministas e de gênero dentro da Comunicação Social e a perda considerável do preconceito com a palavra feminismo, estamos tentando recuperar o tempo perdido e resgatar parte da memória cultural brasileira composta por mulheres, que foi deixada para trás. Daí, a importância e a urgência de preservar essa memória.

---

<sup>1</sup> Na última semana de maio de 2018, foi noticiado pelo PublishNews a abertura de um novo selo editorial feminista, o Ferina. Disponível em: < <http://www.publishnews.com.br/materias/2018/05/22/novo-selo-enfoca-as-questoes-femininas>>. Acesso em: 30 mai 2018.

Por isso, neste trabalho, será proposta a criação de um selo editorial voltado para a edição de obras de autoras brasileiras dos séculos XIX e XX.

O selo proposto Letra Feminina é inspirado em parte no modelo do catálogo editorial da Feminist Press, organização literária sem fins lucrativos fundada em 1970, nos Estados Unidos. Nesse caso, a editora foi fundada para defender os direitos da mulher e ampliar as perspectivas feministas, incluindo no seu catálogo a republicação de clássicos e novas obras de todo o mundo, destacando vozes que foram silenciadas e deixadas à margem da cena literária vigente.

O objetivo, então, é levantar as obras brasileiras que se encaixariam no catálogo deste selo, além de pesquisar a obra de autoras que não são mais publicadas. As coleções do selo serão divididas por séculos e a primeira contemplará as autoras brasileiras do século XIX, do qual duas obras foram escolhidas para lançá-la: o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e o ensaio *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta.

A partir da pesquisa histórica e do resgate de manuscritos, uma vez que as obras estão fora do mercado há muito tempo, o selo será uma referência de obras de qualidade editorial e projeto gráfico. Será apresentada, também, uma análise de forças e ameaças do projeto, analisando o público-alvo e a demanda para esse tipo de produto. Por fim, um plano de marketing focado em redes sociais, com a presença de ativistas em plataformas como YouTube e Facebook.

O trabalho está dividido da seguinte forma:

No segundo capítulo, abordarei a ausência da presença feminina na história e a dificuldade de escrever uma “História das mulheres”. Em sua necessidade de ultrapassar a barreira do privado e ter acesso a fala pública para que pudessem ser ouvidas e batalhar por direitos básicos como o direito ao voto, as mulheres descobriram que a escrita era a grande arma, aliada à imprensa. Como a escritora Virginia Wolf escreveu em seu ensaio *Um teto para todos* (1929), a falta de espaço físico para a mulher escrever dentro de sua casa representaria a falta de espaço dela na literatura e na produção acadêmica. Como grande parte da literatura foi escrita por homens, as mulheres foram representadas e estigmatizadas de acordo com a visão deles sobre elas.

No Brasil, as mulheres tinham pouco acesso à educação básica e quase nenhum ao ensino superior. Curiosamente, a forma como elas conseguiram chegar ao mercado de trabalho

foi através da educação: se tornando professoras. Com isso, algumas conseguiram publicar livros pedagógicos. As mulheres da elite letrada, que tinham em casa um salão com instrumentos musicais e livros, onde se faziam saraus, tinham acesso aos livros e jornais, e muitas passaram a escrever. Nesses salões, as mulheres apresentavam suas produções literárias, principalmente poesias. Mas, para serem publicadas, elas teriam que enfrentar todos os preconceitos existentes na época.

No terceiro capítulo, faço um mapeamento dos jornais femininos do século XIX e do início do século XX, até os anos 1930, além de citar algumas autoras publicadas na época e suas principais obras.

Um panorama do mercado editorial atual será apresentado no quarto capítulo, no qual nomearei alguns livros sobre mulheres e de viés feministas para crianças e jovens que estão em destaque nas livrarias. Apresentarei alguns exemplos de coletivos e revistas com foco em literatura feita por mulheres. Explicarei como o selo Letra Feminina se encaixaria em um nicho inexplorado do mercado, mas com forte tendência de crescimento. Nele também apresentarei os dois primeiros títulos do selo, escolhidos para dar início ao projeto e o porquê da escolha desses títulos.

O quinto capítulo será todo dedicado ao selo, incluindo os objetivos, os detalhes técnicos da coleção — como orelhas, prefácio, capas etc. —, como ela será pensada como um todo. Incluirei uma pequena análise SWOT de marketing, na qual estarão as dificuldades, os empecilhos e as fraquezas do projeto, assim como um panorama da possível concorrência.

O sexto e último capítulo é dedicado às estratégias de marketing do selo, focado no uso das redes sociais e de parceria com blogueiras e influenciadoras digitais. Os textos de quarta capa e orelhas de cada livro serão escritos por uma influenciadora digital que esteja refletindo sobre o feminismo. A parte extratextual, como prefácio e posfácio, terá sempre um convidado acadêmico para apresentar um artigo sobre a obra ou sua autora.

## 2 A HISTÓRIA DAS MULHERES

Ao longo da história da humanidade, desde a Antiguidade até a Era Vitoriana europeia, as mulheres não tiveram espaço na escrita. No Egito Antigo, os escribas eram homens cujo serviço era considerado sagrado. Os evangelhos<sup>2</sup> do cristianismo também foram escritos por homens. Na Grécia Antiga, o berço da democracia, não era permitido às mulheres participar de discussões políticas, muito menos escrever. As poucas filósofas da Antiguidade hoje conhecidas, como Safos de Lesbos, Aspásia de Mileto e Hipátia de Alexandria, ficaram de fora dos livros de filosofia. Durante a Idade Média, até chegar na Idade Moderna, as mulheres que não pertenciam às famílias reais de seus territórios também não tinham participação política e cultural expressiva, ou seja, as poucas que ousaram levantar sua voz foram apagadas da história.

Entretanto, muitas foram as mulheres que se esforçaram para mudar esse quadro. Na década de 1970, a historiadora francesa Michelle Perrot estudou a situação da mulher na França do século XIX. Os seus estudos estão relacionados com a efetivação do poder da mulher e suas limitações nos espaços públicos e privados. O primeiro questionamento de seu trabalho é se as mulheres têm uma história, ou se seria possível fazer uma “História das Mulheres” (LUCENA; 2008; p. 3). Perrot então se debruça na pesquisa dos sujeitos históricos, ainda que a categoria “mulheres” deva ser estudada de acordo com sua pluralidade étnica, social e cultural. Assim como Perrot, a escritora inglesa Virginia Woolf também expõe a dificuldade das mulheres em ultrapassar as barreiras do espaço privado, como veremos adiante. A diferença que se estabelecia entre esses espaços, público e privado, era uma das principais formas de identificar o poder que regia os sexos, além dos discursos que estavam presentes nas relações de poder que definiam e controlavam a imagem da mulher.

A omissão histórica da mulher na cultura deu-se por conta da falta de acesso à fala pública. Sem presença nos espaços públicos, a mulher não era ouvida. Anos antes dos estudos de Michelle Perrot, em 1949, a filósofa francesa Simone de Beauvoir escreve *O segundo sexo* e reafirma categoricamente a incompletude da história, embora a mesma se pretendesse “universal”.

---

<sup>2</sup> O Evangelho de Maria Madalena foi encontrado em 1896 no Egito, mas foi considerado apócrifo e não é reconhecido pela Igreja Católica.

Beauvoir discute a situação da mulher segundo a perspectiva existencialista, afirmando que não basta apontar as relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina. É necessário explicar por que as relações de propriedade foram instituídas contra a comunidade e entre os homens, já que para a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR; 1980; p. 9).

Tais constatações trazem para a reflexão o fato de que a mulher, no contexto discutido por Beauvoir, aparentemente não se definia por si mesma, mas a partir da força que outros indivíduos exerciam sobre ela, tanto os homens quanto as próprias mulheres. É importante ressaltar que o sociólogo francês Pierre Bourdieu também observa que não basta ser do sexo feminino para ter uma visão da história das mulheres porque a visão feminina é uma visão colonizada, dominada, e que muitas vezes não consegue enxergar a si própria. (BOURDIEU; 1995).

Como as mulheres sofreram um processo de silenciamento e de exclusão em muitos meios, incluindo os artísticos, o sujeito que tem voz quase sempre foi o masculino, e para sempre lhe foi reservado lugar de maior destaque. Segundo o filósofo francês Michel Foucault (1996), o discurso é um direito privilegiado e até exclusivo de quem fala. E a linguagem tem o poder de construir significados, e não apenas expressá-los. Dessa forma, ao longo do tempo os discursos ajudaram a construir a imagem da mulher como a encarregada de cuidar da família e dos afazeres domésticos, e mulheres assimilaram esses discursos produzidos sobre elas e não por elas, acabando por se esforçarem para atingir as expectativas sociais.

Ainda assim, se considerarmos a afirmação foucaultiana de que o poder é plural, fragmentado e pode se dar de diversas formas (SILVA E OLIVEIRA; 2015), é possível observar que as mulheres europeias do século XIX poderiam, sim, exercer alguma forma de poder. Quando a mulher controlava as finanças da casa ou quando as mulheres da elite comendavam seus empregados e organizavam eventos de caridade, elas exerciam alguma forma de poder, — ainda que pequeno se comparado ao do homem. De maneira irônica, as mulheres tinham em si um grande poder social, realizando as funções de mãe e esposa (PERROT; 1988; p.179).

Para o pesquisador Losandro Tedeschi (2016), a mulher, ao longo da história, internalizou a discriminação, o que atrasou o rompimento com a imagem de desvalorização de

si mesma. As mulheres acabaram aceitando como natural sua condição de subordinação, incorporando a imagem de si mesma criada pela cultura que a discriminava. Curiosamente, antes da Primeira Guerra Mundial, as mulheres europeias, por serem consideradas fracas para trabalhar fora do lar, deveriam ficar enclausuradas em casa. Quando estourou a guerra e os homens se deslocaram em peso para os campos de batalha, foram as mulheres que suprimam a mão de obra necessária nas fábricas. A força de trabalho feminina foi convocada para trabalhar nas minas de carvão e nas indústrias bélicas. Quando a guerra terminou, os homens retomaram o mesmo discurso de que as mulheres eram seres meigos e frágeis, cujo físico seria incompatível com certos trabalhos, e que deveriam se dedicar aos seus lares. E elas novamente se submeteram a imposição masculina.

As mulheres descobriram, então, que seria necessário usar a palavra para demandar seus direitos políticos e sociais nos espaços privado e público. Por isso é tão importante acabar com o silêncio histórico em relação as mulheres, escutar as vozes que ficaram perdidas no passado e reconstruir suas trajetórias através dos vestígios que deixaram. Ainda que as manifestações oral e escrita sobre temas políticos tenham sido vetadas às mulheres — e por isso muitas tenham acabado se desinteressando por esses assuntos —, algumas mulheres, a maioria líderes operárias e sufragistas, descobriram que o domínio da palavra era um caminho para pleitear direitos políticos, sociais e econômicos (PERROT; 1988). Infelizmente, muitas mulheres, interiorizando as representações referentes à pretensa falta de valor de suas falas, ou envergonhadas de seus sentimentos e ações, acabaram queimando seus escritos.

Mesmo com o esquecimento histórico a respeito das mulheres que se posicionavam, é importante destacar que há muitos textos que apresentam as reivindicações do sexo feminino ao longo do tempo. Entre esses, o de Cristina de Pisano, *La cite des dames* [A cidade das senhoras], publicado em 1405 e considerado o primeiro documento oficial em oposição aos preconceitos discriminatórios contra a mulher. A autora não prega a mudança do papel da mulher, que ela aceita como imposto por Deus, mas deseja que suas aptidões sejam reconhecidas como iguais e dignas, e que elas possam exercer as mesmas funções que os homens.

Outro exemplo é o documento *Some reflections upon marriage* [Algumas reflexões sobre o casamento], de Mary Astell, de 1730. Nele a autora ironiza a sabedoria masculina e desromantiza as relações existentes na sociedade familiar. Outro exemplo interessante da produção feminina é a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* [Declaração dos

direitos da mulher e da cidadã], de Marie Olympe de Gouges (1748-1793). Apresentada na Assembléia Nacional da França, em 1791, nela a autora defendia a ideia de que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens. Olympe de Gouges foi ativista política, feminista e abolicionista, e acabou morta na guilhotina durante a Revolução Francesa.

Mais um documento histórico relevante é o escrito pela inglesa Mary Wollstonecraft, em 1792, *A Vindication of the rights of woman* [A reivindicação dos direitos da mulher], defendendo o mesmo que Astell: a ideia de que a mulher deve ter os mesmos direitos que o homem, incluindo o de liberdade de expressão e o direito à educação.

## 2.1 AS MULHERES NA LITERATURA

A ausência da mulher na produção literária está diretamente ligada à falta de sua voz na história da humanidade, uma vez que a utilização dos registros impressos, ao longo da história, foram se tornando indispensáveis para as relações sócio-econômico-culturais. O historiador francês Charles Higounet chama a atenção para a relação inseparável entre história-escrita-homem:

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET; 2003, p. 22).

Então podemos interpretar a literatura como uma provocação ao conhecimento das coisas e do mundo. E que a mesma carrega marcas da perspectiva cultural de cada autor e de seu contexto.

Se pensarmos na literatura como um produto artístico e estético, carregado de marcas culturais, podemos observar as distintas maneiras pelas quais um indivíduo lida com as experiências sociais da coletividade. Por isso, o pesquisador brasileiro Cícero Lopes (2005) sugere que se desconstrua o discurso canônico, pois “a certeza fendida solicita o diálogo [...], descentraliza o poder e ilumina facetas do objeto que um único olhar não desvendaria. Sob essa luz, a literatura brasileira deve transparecer um pouco mais claramente” (p. 19). Como consequência, essa perspectiva poderia propor outra leitura do mundo, valorizando as produções culturais que estão nas margens da história da literatura.

Essa é a razão pela qual é tão necessário discutirmos o silêncio referente à produção literária feminina em uma sociedade patriarcal. Nos permitirmos um olhar histórico a partir da margem é de extrema urgência. Porém, além de observar a margem, é também necessário trazer o olhar desde a margem. Ao criar um estranhamento às práticas naturalizadas, é possível reescrever a história da literatura e perceber que há sempre uma perspectiva diferente da predominante. O olhar para a margem traz à tona a inclusão de escritores e escritoras que foram esquecidos.

Subverter esse modo de pensar significa adentrar no território selvagem ao qual se refere a crítica literária americana Elaine Showalter (1994). Trata-se de um campo de domínio masculino, no qual o poder autoriza o próprio poder, criando um hermetismo sociocultural para o trânsito intelectual feminino. Então, subverter significa desvincular-se de alguns padrões e criar conceitos para uma crítica marginal, preparar um aparato crítico que dê conta da análise textual de escritores e escritoras sem se contaminar com o olhar dominante do momento; para, mais tarde, verificar as diferenças internas dessa escrita. Assim, a revisitação teórico-crítica de obras cujos autores foram deixados à margem, levaria também a uma desuniversalização do ponto de vista masculino. E, através da compreensão de escritoras que produzem literatura, teríamos um enriquecimento da nossa cultura.

Assim, a interpretação e a análise de obras literárias que ficaram esquecidas podem agregar muito aos estudos literários, ampliando-os, uma vez que criariam um questionamento ao cânone literário além do reconhecimento e da divulgação das obras marginalizadas, o que transformaria profundamente a memória cultural brasileira.

### 2.1.1 UM ESPAÇO PARA ELAS

A escritora inglesa Virginia Woolf, em seu clássico ensaio *Um teto todo seu*, publicado em 1929, explora o fato de as mulheres não terem seu próprio espaço físico para escrever e, como consequência, não terem seu próprio espaço na produção literária e acadêmica. Segundo a autora, se o dramaturgo inglês William Shakespeare tivesse uma irmã de igual talento, ela não teria tido o mesmo sucesso, pois não teria ido à escola e aprendido latim e gramática. Provavelmente, enquanto Shakespeare trabalharia nos bastidores do teatro e aprenderia os detalhes do gênero dramático de perto, sua irmã não teria podido sair de casa e muito menos participar do teatro.

No mesmo ensaio, Woolf chega à conclusão de que ainda no século XVIII muitas mulheres no Reino Unido descobriram que poderiam ganhar dinheiro escrevendo romances baratos e fazendo pequenas traduções. Ou seja, a entrada da mulher na literatura teria sido por necessidade de trabalho e não necessariamente para provar sua capacidade intelectual aos homens. Woolf explicita em seu livro a importância de as mulheres de classe média terem começado a escrever — um fato que, para ela, teria sido tão importante na história da humanidade quanto as Cruzadas.

A partir disso, a autora entra no século XIX mostrando que a mulher de classe média não tinha um momento em que poderia se dedicar à escrita criativa. Woolf defende a ideia de que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF; 1929; p. 8). A realidade é que não havia um espaço só dela para escrever, onde não seria incomodada nem haveria barulho. A autora também inglesa Jane Austen, por exemplo, escreveu *Orgulho e preconceito* no final do século XVIII às escondidas, e toda vez que ouvia a porta ranger, ela imediatamente guardava seu manuscrito na gaveta da escrivaninha (WOOLF; 1929).

Ainda assim, mesmo tendo sido escritos por mulheres, eram os valores masculinos que prevaleciam nos romances. A mulher procurava escrever como um homem para ser levada a sério, isto é, para vender seus livros como um homem. Muitas fizeram uso de pseudônimos masculinos como artifício para driblar a crítica e, ao mesmo tempo, proteger-se da opinião pública. Além disso, muitos gêneros literários já haviam sido estabelecidos quando a mulher se tornou escritora. Jane Austen e Emily Brontë,<sup>3</sup> por exemplo, fugiram um pouco à regra e escreveram sobre a perspectiva feminina, sobre a sala de costura, a cozinha, as compras de tecido etc. Elas conseguiram retratar o lugar da mulher na casa e na sociedade daquele tempo, ainda que de forma discreta, pois as mulheres eram sempre retratadas a partir de sua relação com os homens. Eram definidas como esposas, filhas, pretendentes. Hoje seria estranho pensar nos homens retratados na literatura como os amantes das mulheres e nunca como amigos de homens, profissionais ou sonhadores. Woolf (1929) defende que as mulheres não eram apresentadas com veracidade por falta de conhecimento masculino em relação a elas. Eram forçadas a se casar, confinadas em casa e aos seus cuidados, não eram ouvidas ou compreendidas. O homem escritor, portanto, dificilmente poderia fazer um retrato justo delas.

---

<sup>3</sup> As irmãs Brontë foram inicialmente conhecidas como os irmãos Bell, porque assinaram os primeiros livros, inclusive *Jane Eyre* e *O morro dos ventos uivantes*, como Currer, Ellis e Acton Bell.

Outra obra fundamental para a compreensão da relação entre mulheres e seu espaço na literatura é *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination* [A louca no sótão: a escritora e a imaginação literária do século XIX] (1979), de Gilbert & Gubar, na qual as autoras interpretam a mulher como uma figura dividida entre duas imagens opostas: a de “anjo” e a de “monstro”, construídas pela ótica masculina. Logo no início elas se perguntam de forma irônica: “*Is a pen a metaphorical penis?*” [Seria a caneta um pênis metafórico?]. A resposta delas para a pergunta seria “sim” e, da mesma forma que o homem é o pai/criador de uma vida, ele é também o pai/criador do texto literário. Ele detém a criação e a criatura.

É importante atentar para o fato de que as mulheres participaram da produção literária, mas quase sempre “pelos fundos”, nos bastidores. Para avaliar a “improdutividade” das mulheres nas narrativas históricas, não se pode deixar de lado os aspectos que geraram o imaginário social na história, bem como as representações que mostraram as mulheres silenciadas por sua própria natureza ou destinadas, na divisão do trabalho, às tarefas de procriação, de cuidados com a casa e do mundo privado. Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino que constituía parte do suposto mistério constitutivo da mulher e mesmo do feminino enquanto ideal, seria preciso rever e pensar os espaços de silêncio no qual as mulheres foram “confinadas”, resultado de um poder simbólico que impôs papéis e identidades a elas (TEDESCHI; 2016).

Com isso, a presença da mulher no espaço de criação literária através da voz narrativa feminina e testemunhal traz à cena a possibilidade de uma escrita da história e da literatura voltada à inserção de um sujeito enquanto mulher e testemunha nesse espaço. Quando as mulheres passaram a incluir os temas que falam de si, que contam sua própria história e a de suas antepassadas, elas possibilitaram a compreensão das origens de muitas crenças, valores e práticas sociais opressivos e de inúmeras formas de estigmatização. De certo modo, o passado encoberto pela névoa das representações hegemônicas precisava ser reinterrogado a partir de novos olhares e questionamentos, através de outras ferramentas interpretativas criadas fora do modelo patriarcal de uma visão prioritariamente masculina.

## 2.2 AS MULHERES NA LITERATURA: BRASIL

No Brasil, o cenário era ainda mais grave do que na Europa. Durante os períodos Colonial e Imperial, as mulheres tinham raro acesso à educação formal e pouquíssima participação política. A desigualdade social entre os gêneros era a regra.

Até as primeiras décadas do século XX, as taxas de analfabetismo chegavam a quase 70% da população e os índices de escolarização eram muito baixos.<sup>4</sup> Com isso, a produção de cultura escrita e a produção acadêmica só poderiam ser acessadas, entendidas e discutidas por uma elite letrada, em geral, dos centros urbanos.

Antes educadas dentro de casa ou em conventos, as mulheres tiveram acesso às escolas públicas femininas somente a partir de 1827. Veremos adiante como essa primeira geração de mulheres que frequentou a escola e recebeu uma educação diferenciada foi a mesma que, no futuro, abriu escolas, publicou livros, enfrentou a opinião pública e defendeu a ideia de que as mulheres precisavam sim, saber ler e escrever (DUARTE; 2003).

Por não serem valorizados, muitos trabalhos produzidos por mulheres, tanto literários quanto políticos, podem ter sido perdidos. Por isso, durante muito tempo, a literatura feminina foi considerada uma literatura marginal, estando à parte das obras canônicas, salvo algumas exceções.

Com a instauração da República, passou-se a ter uma nova dinâmica social, com a escolarização das crianças e a profissionalização da mulher ficando mais presentes no cotidiano do brasileiro dos grandes centros urbanos. Passou-se a valorizar a instrução das mulheres, seguindo a lógica de que a esposa poderia transmitir certos conhecimentos às crianças, cuja educação ainda era sua responsabilidade. O governo republicano investiu em campanhas contra o analfabetismo, e muitas mulheres passaram a escrever textos pedagógicos e de literatura escolar, como foi o caso de Francisca Julia da Silva Munster, que escreveu a obra *Livro da infância*, de 1899. Ser professora era uma extensão da atividade materna e foi considerada por muito tempo uma das poucas profissões à qual a mulher teria direito (ELEUTÉRIO; 2005).

Nessa mesma época, a mulher passou a ler revistas, jornais, folhetins, romances e poesias. Muitas começaram a escrever, ato que, para elas, representaria a busca de sua própria identidade e autonomia. Ao se autoafirmarem sujeitos legítimos do fazer literário, elas

---

<sup>4</sup> Ver anexo I.

propunham uma reflexão sobre si e a sociedade, que só as conhecia pela ótica masculina e as incentivava a renunciar às vaidades pessoais e a abandonar qualquer tipo de pretensão intelectual que comprometesse suas funções de esposa e guardiã do lar.

Acredito que muitas mulheres que escreviam na época não se deram conta da importância do ato de resistência que estavam realizando. Ao mostrar aos homens que elas também conheciam outros textos, outras línguas e autores, afirmavam o seu pertencimento a um mundo até então inacessível. É importante ressaltar que essas mulheres que escreviam eram uma parcela muito pequena da população brasileira à época; eram mulheres de famílias abastadas, muitas das quais tinham um salão com instrumentos musicais e bibliotecas em casa (ELEUTÉRIO; 2005; p.26). O salão era um espaço onde eram realizados pequenos concertos e declamações, como era costume na época. As mulheres de famílias ricas tinham uma educação formal de música e eram letradas, além de participar de muitos eventos ocorridos nesses salões, inclusive com o propósito de conseguir bons casamentos.

Foram essas mulheres da elite que, aos poucos, foram conquistando espaço na biblioteca de seus pais e maridos, aumentando o seu contato com a literatura, muito além de suas tarefas de copiar receitas culinárias, ler orações e transcrever versos bíblicos. Passaram então a escrever seus diários e pensamentos, até escrever músicas, poemas e contos sobre as questões que existiam em seu mundo, como casamento, amor, maternidade, abandono etc. Foi durante a Primeira República que as mulheres começaram a tirar os seus escritos da escrivaninha e mostrar para amigas e familiares. A partir daí, reuniões sociais de pautas feministas (mesmo que ainda não se considerassem dessa forma) passaram a acontecer em maior quantidade e os jornais femininos começaram a surgir.

Ainda que no Código Civil de 1916 a superioridade masculina tivesse sido consagrada, pois o marido fora definido oficialmente como chefe da sociedade conjugal (DIAS; 2015), o fim da República Velha marcou a expansão de ideais de igualdade que ganharam força a partir de uma sociedade cada vez mais urbana e industrial. Foi a partir desse momento histórico que os índices de mortalidade diminuíram — o que elevou o nível produtivo da mulher — e o nível educacional aumentou. O desenvolvimento industrial foi ligado à maior participação das mulheres no mercado de trabalho, junto da maior liberdade religiosa e maior autonomia dos indivíduos. Esse fenômeno ficou conhecido como “bônus demográfico feminino”.

Mesmo com todo o isolamento e a falta de instrução, as mulheres conseguiram formar movimentos para contestar a ordem patriarcal. Muitas brasileiras se destacaram como defensoras do direito ao voto e da liberdade de expressão, e garantiram às mulheres da próxima geração novas conquistas civis e políticas, além de espaço na literatura — como foi o caso da republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta, que traduziu livremente o livro da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, *A reivindicação dos direitos da mulher*. Floresta se inspira em ideias de Wollstonecraft para enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira, reivindicando igualdade e educação para as mulheres. Segundo a autora (1832), elas não estavam aptas a participar da vida pública porque lhes era negada a instrução devida.

No entanto, até chegar ao fim da República Velha e aos anos 1930 — no Brasil, as mulheres só teriam direito ao voto em 1932, na Era Vargas —, as escritoras brasileiras percorreram um longo caminho em busca de espaço para publicação e de reconhecimento. É o que veremos no capítulo a seguir.

### 3 AS ESCRITORAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX

No decorrer da história brasileira, muitas escritoras não tiveram a oportunidade de ser publicadas, e suas vozes foram silenciadas e esquecidas. A ausência de presença feminina na literatura brasileira no século XIX e na primeira metade do século XX representa a falta de força política da mulher em nossa sociedade.

O silêncio da história brasileira em relação a essas mulheres é, no mínimo, intrigante. Com algumas exceções, como o experimento ousado de Gilka Machado e suas poesias eróticas dos anos 1910, o nosso legado literário anterior à metade do século XX é pouco explorado.

A emancipação intelectual da mulher no Brasil está diretamente ligada à história da imprensa. Antes da chegada da família real portuguesa aos portos brasileiros, em 1808, não existiam jornais produzidos em nosso solo. O primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, era impresso em Londres. A vinda da família real trouxe novos ares ao país, incluindo livros inéditos e o costume de se debater literatura.

Com a implantação da primeira gráfica, a Imprensa Régia, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal publicado em território nacional, passa a circular em 10 de setembro de 1808. Vozes políticas começaram a se apresentar a partir de artigos, incluindo algumas mulheres. O primeiro espaço que as brasileiras letradas tiveram acesso foram os jornais. Depois, conquistaram o espaço do livro. No século XIX, muitos jornais dirigidos e escritos por mulheres, como o *Jornal das Senhoras*, o *Echo das Damas* e *A Mensageira*, defendiam o sufrágio universal e muitas dessas mulheres eram jornalistas, escritoras, ensaístas e poetisas. Elas produziram grande quantidade de obras e esse acervo ficou para trás.

Segundo a pesquisa de Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, que resultou no livro *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX* (São Paulo, 1989), do ano de 1840 até 1890, teriam vivido, no Rio de Janeiro, cerca de 99 escritoras e tradutoras.

Mencionarei a seguir alguns jornais e obras literárias escritas por mulheres entre 1820 e 1932.

#### 3.1 OS JORNAIS E OBRAS DO SÉCULO XIX

O jornal *Bellona* (ou *Bellona irada contra os sectários de Momo*), criado pela primeira jornalista mulher do Brasil, a gaúcha Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (?-1837), foi

editado entre 1833 e 1834. Maria Josefa criou, na década de 1830, a primeira escola mista de Porto Alegre (RS), onde ensinavam latim, geografia e filosofia às mulheres, o que era algo incomum para a época.

*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, escrito pela educadora gaúcha Nísia Floresta (1810-1885), foi o primeiro livro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho. É considerada a primeira publicação feminista do Brasil. Em 1842, Nísia Floresta publicou *Conselhos à minha filha*, utilizando um tom mais pessoal para falar sobre suas impressões e críticas à sociedade da época. Ela também lançou, em 1853, a obra *Opúsculo humanitário*, uma reunião de todos os seus artigos feministas.

Em 1852 foi criado por Joana Paula Manso de Noronha, argentina radicada no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras*, cujo texto encorajava as mulheres a conquistarem sua emancipação social e moral.

A mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), poeta e educadora, foi uma ativa colaboradora dos jornais cariocas do período. Beatriz foi uma das três primeiras mulheres em Minas Gerais a ser eleita para um cargo público, conforme noticiado dia 7 de julho de 1830 pelo jornal *O Universal*:

A 4 de maio abriu-se nesta cidade a Escola Pública de meninas que está confiada à direção da Professora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, cuja capacidade e distinto merecimento fazem esperar que o belo sexo aproveitará sobremaneira as suas lição e doutrina. Ela conta já com 14 alunas.

As poetisas gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) também merecem uma menção, já que divulgavam suas poesias em jornais da época. A obra de estreia de Delfina, *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, de 1834, publicada pela Tipografia Fonseca & Cia., de Porto Alegre, foi uma das primeiras obras a ser impressa no Rio Grande do Sul. Delfina também ficou conhecida como “a poeta cega” por causa da deficiência visual adquirida aos vinte meses de idade, em decorrência da varíola.

*O Ramallete ou Flores escolhidas no jardim da imaginação*, da autora gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?), é uma coletânea de poesias, crônicas e contos escritos desde a década anterior e mostrada ao público apenas em 1845. Ana Eurídice conheceu o feminismo através de Nísia Floresta, quando leu *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Nísia e Ana Eurídice tinham uma série de afinidades e acabaram se tornando amigas quando ambas tinham idade aproximada. Eram cultas, casadas com advogados, mães de família e moravam em Porto Alegre. A crônica de Ana Eurídice, *Diálogos*, de 1836, segue o mesmo estilo de *Direitos das mulheres*, e foi escrita quatro anos após a tradução de Nísia.

*Diálogos* é uma argumentação feminista, que se contrapõe ao machismo dominante; uma verdadeira batalha intelectual entre os personagens Mariana (a própria autora), Huberto (o pai ultraconservador que não aceita as mudanças da sociedade) e Alfredo, o primo conciliador (FLORES; ano 1991; p. 11).

A catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), além de escrever poemas e artigos para jornais, elaborou o romance de temática indianista *D. Narcisa de Villar*, que foi impresso no jornal *A Marmota*, em 1858, sob o pseudônimo de Indygena do Ypiranga.

Em 1859, nascia a primeira publicação abolicionista brasileira.<sup>5</sup> O romance *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917)<sup>6</sup>, foi um dos escolhidos para inaugurar o selo Letra Feminina, como será mostrado adiante.

Em 1862, o periódico dominical *Bello Sexo*, também do Rio de Janeiro, era coordenado por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar e apoiava a valorização das mulheres na sociedade.

Já o periódico *Echo das Damas* trazia artigos que promoviam o ensino superior e o trabalho remunerado. O jornal foi fundado em 1879 pela jornalista e ativista carioca Amélia Carolina da Silva Couto, que graças ao seu tino empresarial levou seu periódico a circular no Rio de Janeiro de 1875 a 1885.

A jornalista pernambucana Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), provável<sup>7</sup> irmã de Manuel Antônio Álvares de Azevedo, autor de *Noites de taverna*, escreveu a peça *O voto feminino* em 1878, um marco da defesa do voto feminino. Além de sufragista, Josefina era divorcista. Ela foi proprietária do jornal *A Família*, que dirigiu de 1888 a 1897, primeiro em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, e destacou-se principalmente pelo tom em prol da emancipação feminina. Muitas autoras da época colaboraram com o jornal, incluindo Julia Lopes de Almeida, as irmãs Revocata e Julieta Monteiro. No jornal, Josefina trabalhou de forma intensa em prol da causa feminista, incluindo na denúncia da opressão:

Formem grupos e associações, fundem jornais e revistas, levem de vencida os tirocínios acadêmicos, procurem as mais ilustres e felizes, com a sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pelejado, com o recato e moderação naturais ao seu delicado sexo, pela bela ideia “Fazer da brasileira um modelo feminino de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte” (*A família*, ano I, n. especial).

<sup>5</sup> O poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, é de 1869.

<sup>6</sup> Recentemente se descobriu que Maria Firmina dos Reis nasceu em 1822 e foi registrada em 1825. No entanto, como na maioria das publicações a data de nascimento da autora é 1825, mantive dessa forma.

<sup>7</sup> Embora não tenha sido possível comprovar o parentesco entre Josefina e Manuel Antônio, acredita-se que o parentesco é real. Para alguns historiadores, ela foi uma meia-irmã ou uma prima.

O jornal *O Corimbo*, de Porto Alegre, das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, teve uma vida bastante longa, sendo editado de 1884 até 1944, e ao longo dos anos divulgou a produção literária de gerações de escritoras.

Em 1886, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, escritora e jornalista mineira, que escrevia para o jornal *O Sexo Feminino* — direcionado também a educação, instrução e emancipação feminina —, lançou o romance *A judia Rachel*. O sucesso do jornal *O Sexo Feminino* foi impressionante e até o Imperador D. Pedro II e a Princesa Isabel se tornaram assinantes. Curiosamente, depois da Proclamação da República, Francisca mudou o nome do jornal para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, que circulou de 1890 a 1896.

A carioca Julia Lopes de Almeida (1862-1934), que contribuía de forma assídua para a revista *A Mensageira*, publicou o seu primeiro romance, *Memórias de Martha*, em 1888. Sua obra mais famosa foi o romance *A intrusa*, de 1908. Julia escreveu mais de trinta livros em vida, como *Correio da roça*, *Cruel amor*, *A viúva Simões* e *A falência*. Foi a autora mais publicada da Primeira República. Sua casa, no bairro carioca de Santa Teresa, tinha um dos salões mais frequentados pela elite intelectual da capital. Foi lá onde ocorreram as reuniões para a formação da Academia Brasileira de Letras, mas, por ser mulher, Julia não foi incluída como *membro-fundador*. Em seu lugar foi eleito Filinto de Almeida, seu marido. Em entrevista a João do Rio, Filinto confessa: “Nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem deveria estar na Academia, era ela” (RIO, op. cit., p. 33). Depois, Filinto de Almeida solicita à ABL a criação do Prêmio Júlia Lopes de Almeida, para prestigiar as produções em prosa de autoria feminina. O prêmio é instituído em 1952, mas sua vigência não ultrapassa a década de 1960.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Conforme levantamento feito no acervo da ABL, a agremiação tornou público, em 1952, que no ano vindouro passaria a conceder o Prêmio Júlia Lopes de Almeida, “destinado a livro inédito ou publicado de autor feminino, de prosa, de preferência romance ou coleção de novelas ou de contos; na falta, poderá ser candidato um livro de versos, de qualidade superior e de forma chamada clássica, sempre de autor feminino”, e que concederia às vencedoras a quantia de Cr\$7.200,00. Para se ter uma ideia, aquele que oferece a maior soma em dinheiro é o Prêmio Machado de Assis, cujo ganhador seria agraciado com CR\$12.000,00. A divulgação das inscrições para candidatura ao Prêmio Júlia Lopes de Almeida ocorre, portanto, em 1953, e a primeira premiação, em 1954. O último prêmio concedido data de 1964. Foram contempladas as seguintes escritoras: em 1954, Ondina Ferreira, com a obra *Medo*; em 1955, Zilah Corrêa de Araújo, com *A loja de ilusões*; em 1957, Heloneida Studart, com a obra *Diz-me teu nome!*; em 1959, Maria do Rosário Fleury (Rosarita Fleury), com a obra *Elos da mesma corrente*; em 1960, Stella Leonardos, com *Estátua de Sal* e Maria Eugênia Porto Oliveira Ribeiro, com *A sensitiva*; em 1961, Berenice Grieco, com *Caliban* e Stela Tostes, com *Paixão de mulata*; em 1962, Maria Cibeira Perpétuo, com a obra *E continuamos a viver...*; em 1963, Maria Silveira Nunes Galvão, com *Um ensaio de vida* e Cecília Bezerra de Rezende, com *O mundo cresceu quando o meu filho nasceu*; e, por fim, em 1964, Elza Heloísa, com *Pé de moleque* e Maria Ramos, com *Banhado em flor* (FANINI; 2009; p. 334).

Editada em São Paulo, a revista *A Mensageira*, que circulou de 1897 a 1900, teve importante participação na luta das mulheres por seus direitos. Era dirigida pela jornalista e poeta mineira Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), que publicou alguns livros de poesias em vida. Mesmo não tendo o prestígio de autoras como Julia Lopes de Almeida, Presciliana foi uma importante articuladora da expressão literária feminina no Brasil, à frente d'*A mensageira*, convidando e incentivando suas colegas autoras a escrever. Colaborou com *A família* e o jornal *A Tribuna Liberal*. Seu livro *Sombras*, foi publicado pela Tipografia Brasil Rothschild & Co. em 1906 e elogiado por muitos autores da época, como Raimundo Correia, João do Rio e Afonso Celso.

**Figura 1**



**A autora brasileira Julia Lopes de Almeida, uma das fundadoras da Academia Brasileira de Letras. Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.**

Outra escritora que publicou algumas de suas poesias na revista *A Mensageira*, sob o pseudônimo de Emília da Paz, foi a carioca Amélia de Oliveira (1868-1945). Hoje ela é mais conhecida por biógrafos do poeta Olavo Bilac, de quem foi noiva. Bilac terminou o noivado por carta<sup>9</sup>, na qual deixa clara sua falta de contentamento com o fato de Amélia ter publicado suas obras: ela poderia escrever seus versos, desde que os mostrasse apenas à família. Após a separação, Amélia escreveu muitos poemas sobre Bilac e a dolorosa separação. Na família de

---

<sup>9</sup> Ver anexo II.

Amélia todos escreviam, e seus irmãos, Alberto de Oliveira e Bernardo de Oliveira, publicaram seus trabalhos em veículos de imprensa da época. Outro dado curioso é a homenagem que Prisciliana Duarte de Almeida fez à Amélia, depois de insistir muito para a colega divulgar suas poesias. Publicou seu livro *Vetiver* com o pseudônimo “Amélia Oliveira” e esclareceu na publicação que a autora cujo nome ela utilizara infelizmente não publicava seus trabalhos.

Francisca Julia da Silva Munster (1871-1920), considerada “a maior poetisa do parnasianismo”, publicou livros infantis que foram recomendados pela prefeitura de São Paulo na época. Por não fazer parte da elite intelectual e não ser parente de nenhum autor, Francisca não conseguiu obter muita visibilidade. Quando publicou seu poema “A musa impassível” n’*A Semana*, em 1893, João Ribeiro atribuiu o poema a Raimundo Correia. Raimundo nega e diz que poderia ser de Bilac, que por sua vez responde: “Não é meu nem do Raimundo, só pode ser de Alberto de Oliveira. Não há dúvida, é molecagem do Alberto esse pseudônimo feminino”.<sup>10</sup> Tempos depois, eles foram apresentados à Francisca. Ela foi colaboradora de grandes jornais da época, como *O Estado de S. Paulo*, o *Correio Paulistano* e o *Diário Popular*. Seu primeiro livro publicado foi *Mármore*, uma coletânea de sua poesia, em 1895. Ela não só publicou poesias, mas vários livros infantis e pedagógicos, como o *Livro da infância*, de 1899. Na época, teve seus textos traduzidos para o italiano, o espanhol e o francês.

### 3.2 AS OBRAS DO COMEÇO DO SÉCULO XX

Evangelina Lima Barreto (1882-1856) ganhou um concurso de contos infantis pela revista *Universal* em 1902, sob o pseudônimo de Yayá Egeria. Evangelina, irmã de Afonso Henriques Lima Barreto, chegou a ter um conto publicado pela mesma revista, mas nunca publicou em vida.

Em 1918, Gilka Machado (1893-1980) publicou um livro de poemas eróticos, *Meu glorioso pecado*, considerado um escândalo para a época. Gilka promoveu a ruptura de certos paradigmas dominantes e contribuiu muito para a emancipação da sexualidade feminina.

---

<sup>10</sup> In Adalsira Bittencourt, *A mulher paulista na história*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1954. p. 60.

A paulista Bertha Lutz (1894-1976), formada em Biologia pela Universidade de Paris-Sorbonne, voltou ao Brasil para trabalhar no Museu Nacional e foi a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro. Ela se tornou um dos nomes de maior expressão no âmbito feminino através dos artigos escritos na *Revista da Semana*, criada em 1918, além de participar de debates e dar conferências. Ela criou, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922). Também representou o Brasil na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras, nos Estados Unidos, onde foi eleita vice-presidente da Sociedade Pan-Americana. Participou da vida política do país de forma ativa até o início do período do Estado Novo.

A jornalista mineira Maria Lacerda de Moura (1887-1945), que colaborou com Bertha Lutz na fundação da Liga, publicou em 1918 o livro *Em torno da educação*, no qual reafirma sua ideia de que a instrução é um fator indispensável para a transformação da vida da mulher.

Em 1921, a carioca Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) conquistou o primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Rito pagão*. Esse fato tão inédito foi registrado pela imprensa como um “trunfo da intelectualidade feminina brasileira”.

Em 1922, ano expressivo para o movimento modernista brasileiro, temos o lançamento do polêmico livro *Virgindade inútil: novela de uma revoltada*, da paulista Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), que pretendia discutir a exploração sexual e trabalhista da mulher. Ercília publicou ainda *Virgindade anti-higiênica: Preconceitos e convenções hipócritas*, em 1924, e *Virgindade inútil e anti-higiênica: novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens*, em 1931. Ercília foi detida e suas obras censuradas várias vezes durante o Estado Novo, pois o governo considerava sua obra escandalosa e imoral.

A paulista Diva Nolf Nazário (1897-?), secretária da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, lançou em 1923 o livro *Voto feminino e feminismo*. Nele, Diva reproduz inúmeros artigos a respeito do voto e dos direitos políticos da mulher que haviam sido divulgados na imprensa, como em o *Jornal do Commercio* e na *Revista Feminina*. Em seu livro constam as diversas opiniões que circulavam na época sobre o feminismo no Brasil.

Em 1929, a advogada e escritora paulista Adalzira Bittencourt (1904-1976) publica a utopia *Sua Excelência: a presidente da república no ano 2500*. Adalzira fez um notório

trabalho de valorização da escrita da mulher e organizou no Palace Hotel do Rio de Janeiro, em 1946, a Primeira Exposição do Livro Feminino, tendo tido uma grande repercussão na imprensa. Ela repetiu o evento no ano seguinte, em São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade, reunindo mais de mil livros de 560 escritoras.

A irmã do poeta Castro Alves, a também poeta Adelaide de Castro Alves Guimarães (1854-1934), publicou alguns poemas durante a vida e um único livro — *O imortal, versos de outrora* —, em 1933, pouco antes de morrer.

O clássico *O quinze*, publicado em 1930, consolida a carreira da escritora nordestina Raquel de Queiróz (1910-2003). *O quinze*, que trata do drama dos flagelados e de profundas questões sociais existentes até hoje, é considerado uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Ao lê-la, Graciliano Ramos declarou:

*O quinze* caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci *João Miguel* e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O quinze* não me parecia natural. (RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*, São Paulo, Record, 1980, p. 137).

Raquel, diferentemente de todas as mulheres citadas até agora, foi reconhecida em vida. Ela foi a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleita em 1977.

Foi somente no dia 24 de fevereiro de 1932, no governo Vargas, que o código eleitoral provisório, com o Decreto nº 21.076 enfim assegurou às mulheres brasileiras o direito de votar. Ainda havia, entretanto, um longo caminho a ser trilhado por elas para garantir a igualdade de direitos, o acesso à educação formal e o ingresso na universidade e no mercado de trabalho.

#### 4 RECUPERANDO AS OBRAS

É importante resgatar o que foi escrito por mulheres para valorizar o seu papel na sociedade e propor uma pluralidade de visões diferentes daquelas apresentadas pelos homens.<sup>11</sup> A escrita foi a ferramenta que permitiu às mulheres encontrarem sua voz, mesmo que fosse necessário usar pseudônimos masculinos para serem aceitas. A busca por espaço na literatura faz parte da primeira fase do feminismo, uma espécie de “declaração de independência das mulheres” quando mostraram ao mundo que elas também poderiam escrever. O fim do século XIX no ocidente, foi marcado pelo debate sobre o papel das mulheres na sociedade. A partir da década de 1960, as mulheres — no Brasil e no mundo — passaram a questionar, além dos direitos políticos já adquiridos — como o direito ao voto —, os conceitos de família, maternidade, sexualidade etc. Nesse segundo momento do feminismo, as escritoras soltaram suas vozes e exploraram os tabus.

Em termos percentuais, até hoje as mulheres não são representadas de forma justa no mercado literário. Segundo a doutora Regina Dalcastagnè, coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e editora da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais ou em pequenas casas editoriais. Mas, ainda assim, o espaço literário brasileiro é muito homogêneo (DALCASTAGNÈ; 2012; p.14). Em sua pesquisa, Dalcastagnè analisou os principais prêmios literários brasileiros (Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), concedidos entre os anos de 2006 e 2011. Foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa coordenada por ela na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Outro fator gritante é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores eram brancos.

Conclui-se então que a literatura brasileira ainda não é um espaço igualitário. Muitas autoras do século XX, como Cecília Meireles, Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Marina Colasanti e Lya Luft, só para citar algumas, buscaram consolidar a posição feminina na literatura brasileira. Além de conquistarem novos espaços,

---

<sup>11</sup> Os papéis femininos eram escritos por homens, o que contribuía para muitos estereótipos e tabus se desenvolverem ao longo do tempo.

como em festivais, prêmios e coletâneas, seus personagens levaram muitos brasileiros a notar o papel da mulher no mundo acadêmico e cultural.

#### 4.1 O SELO FEMININO NOS DIAS DE HOJE

A partir dessas informações e da descoberta de manuscritos esquecidos ao longo do tempo, propõe-se a criação de um selo editorial para edição de obras escritas por mulheres brasileiras: o Letra Feminina. O selo a ser criado seguirá em parte o modelo do catálogo editorial da *Feminist Press*, organização literária americana sem fins lucrativos fundada em 1970. Nesse caso, a editora foi criada para defender os direitos da mulher e ampliar as perspectivas feministas, e seu catálogo inclui a reedição de clássicos, além de obras inéditas, destacando vozes que foram silenciadas e marginalizadas.

A ideia é fazer um levantamento de obras brasileiras para o catálogo deste selo, além de pesquisar a obra das autoras que deixaram de ser publicadas. As coleções do selo serão divididas por séculos e a primeira contemplará as autoras brasileiras do século XIX.

Essas obras, na época em que foram publicadas, não ganharam visibilidade por conta de um contexto desfavorável às mulheres. Os avanços em relação às questões de gênero experimentados pela sociedade brasileira nos últimos anos tornam cada vez mais pertinente o resgate de tais obras — principalmente os textos do século XIX e da primeira metade do século XX — desconhecidos do público brasileiro.

Assim, a primeira justificativa para o projeto é o fato de grande parte das obras das autoras citadas no capítulo 3 não estarem disponíveis em livrarias. A segunda justificativa é o fato de não haver selos nem editoras especializadas em literatura escrita por mulheres brasileiras. Apesar de haver uma tendência de as editoras investirem cada vez mais em livros com temáticas e protagonistas femininas, personagens fortes, determinadas e cativantes, além de haver muitos clássicos feministas, escritos por mulheres como Simone de Beauvoir, Chimamanda Ngozi Adichie e Angela Davis, expostos com destaque nas prateleiras de livrarias,<sup>12</sup> as autoras brasileiras não exercem protagonismo nesse cenário. Portanto, ainda não temos um plano de edição de obras que foram marcos da nossa própria história literária e da busca por igualdade de direitos em nosso país.

---

<sup>12</sup> Durante a pesquisa, notei a presença de seções especiais de livros escritos por mulheres e/ou sobre a temática feminista em livrarias de Botafogo, no Rio de Janeiro, como a Blooks e a Livraria da Travessa.

Aos poucos, as obras relativas a essa temática têm ocupado lugares importantes nas lojas, inclusive na seção infantojuvenil, como é o caso do livro *Chapeuzinho esfarrapado*, publicado no Brasil pela Companhia das Letrinhas em 2016, que desconstrói contos de fadas conhecidos pelo leitor — e pela criança — comum; e o livro *Capitolina* (2015), derivado da revista online homônima destinada a jovens. Ainda nos infantis, temos *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca, também da Companhia das Letrinhas (2015), sobre a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz; a coleção *Antiprinças*, cujo título mais famoso é *Frida Kahlo: para meninas e meninos*, de Nadia Fink, publicado pela Sur em 2015; e *Histórias de ninar para garotas rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias*, de Elena Favilli e Francesca Cavallo, publicado pela V&R em 2017. Esses são apenas alguns exemplos que mostram que o segmento tende a crescer.

Durante a pesquisa, descobriu-se que as poucas obras citadas publicadas em data relativamente recente, porém, em sua maioria por editoras universitárias, como a PUC RS e a PUC MINAS. A pesquisa revelou também uma pequena editora chamada Editora Mulheres, formada por três professoras universitárias aposentadas da UFSC — Zahidé Lupinacci Muzart, Elvira Sponholz e Susana Funck, — que partilhavam idênticos interesses de pesquisa e editoriais. Elas se uniram em 1995 com o propósito de fundar a Editora Mulheres, uma editora independente, com sede em Florianópolis (SC) e pouquíssimo alcance de distribuição física e vendas pela internet. A editora publicou uma coletânea chamada *Escritoras brasileiras do século XIX*. Infelizmente, o livro não é muito acessível também por causa do preço: custa mais de 150 reais.<sup>13</sup>

Surgiram novos projetos relacionados a escritoras mulheres, como o “Leia Mulheres”, cuja página no Facebook conta com mais de 30 mil seguidores e criou em diferentes cidades grupos de leitura e debate de obras escritas por mulheres, de todas as épocas. O grupo do Rio de Janeiro, por exemplo, conta com mais de 790 mulheres.<sup>14</sup>

A revista *Puñado* também é uma expressão desse movimento. Revista literária dedicada a autoras latino-americanas, foi criada por Laura Del Rey e Raquel Dommarco Pedrão da Editora Incompleta em 2017. O objetivo da revista, segundo as editoras, é a conquista por espaço:

<sup>13</sup> Valor atualizado no dia 11 de nov. de 2017, disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/editoramulheres/photos/?tab=album&album\\_id=1103762169734956](https://www.facebook.com/pg/editoramulheres/photos/?tab=album&album_id=1103762169734956)>.

<sup>14</sup> Números atualizados no dia 29 de abr. de 2018, disponível em: <<https://www.facebook.com/leiamulheres/>>.

Achar mulheres escritoras é difícil em comparação a encontrar escritores homens, ainda mais em se tratando de mulheres que escrevem contos. À medida que começamos a procura dos textos, foi ficando mais clara a importância de fazer a revista. Percebemos que era um projeto com lugar para acontecer (revista *Vogue*; 2017).

Em julho de 2017 foi publicada no Segundo Caderno do jornal *O Globo* uma nota sobre as novas edições e coedições da Biblioteca Nacional que resgatam escritoras esquecidas:

Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida”, na série Cadernos da Biblioteca Nacional, uma reunião de crônicas publicadas em “O Paiz” organizada por Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro. Também neste mês será lançado “Nebulosas”, de Narcisa Amália, uma coedição da Editora Gradiva com a FBN. Os livros vêm se somar à reedição, em 2015, do romance “Exaltação” (Gradiva/FBN), de Albertina Bertha. Os dois últimos são organizados por Anna Faedrich (*O Globo*; 2017).

Outra obra que está ganhando uma grande dimensão e entrou para a lista de mais vendidos de outubro e novembro de 2017 da Livraria da Travessa é o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, da escritora cearense Jarid Arraes. Seu objetivo foi retratar a vida de 15 mulheres negras que transformaram a história e foram “invisibilizadas”. Antes de ser publicado pela editora Pólen, em 2017, Jarid vendia as narrativas em cordéis avulsos e, segundo ela, chegou a vender aproximadamente 20 mil exemplares em dois anos: “As pessoas queriam ler essas histórias, porque elas importam”.<sup>15</sup>

A coleção de banca de jornal da *Folha*, *Mulheres na literatura*, de 2017, engloba todas as dimensões da produção literária, de não ficção a ficção de várias épocas, de autoras brasileiras ou estrangeiras, e vale ser citada como parte do movimento.

O livro *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*, de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, publicado pela Seguinte (Grupo Companhia das Letras) em 2017, apresenta mais de quarenta mulheres de etnias, regiões e épocas variadas, que fazem parte da história do país mas que raramente são lembradas. O livro *Vamos juntas?, o guia da sororidade para todas*, de Babi Souza, publicado pela Galera Record em 2016 também é de um movimento que começou nas redes e terminou nas livrarias. Criado pela jornalista e fundadora da Bertha Comunicação — empresa dedicada a impulsionar negócios de mulheres — Babi Souza, em julho de 2015, criou o movimento *Vamos juntas?* com o objetivo de espalhar a ideia de irmandade entre as mulheres para que elas se unissem nos transportes, nas ruas, para evitar violências como o assédio e o estupro.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/jarid-arraes-debora-thome-angelica-kalil-e-mariam-fonseca-falam-sobre-seus-livros-sobre-mulheres>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

Em maio de 2018, a Unicamp divulgou a lista<sup>16</sup> de livros obrigatórios para o vestibular de 2020. De acordo com a comissão responsável pela organização do exame, a Comvest, a relação formada por doze obras de autores das literaturas brasileira e portuguesa inclui três novidades que chamaram a atenção da comunidade acadêmica. A primeira está na categoria poesia: *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais Mc's; na categoria teatro está *A cabra vadia*, de Nelson Rodrigues e, por fim, na categoria romance está *A falência*, de Júlia Lopes de Almeida. Isso mostra que a tendência dos vestibulares também aponta para a inclusão de obras que foram colocadas a margem do cenário comercial tradicional. Com isso, aumenta a probabilidade de adoção por escolas e cursos e cria um novo propulsor para o mercado.

Já existem algumas pesquisas sobre escritoras do século XIX, além de muitas teses de pós-graduação em Letras presentes na pesquisa da professora Constância Lima Duarte, de Minas Gerais.<sup>17</sup> Ainda assim, nenhum produto de comunicação específico foi preparado para o mercado editorial em larga escala.

#### 4. 2 PROPOSTA DE CATÁLOGO PARA O SELO

O selo Letra Feminina será dividido em coleções por séculos, começando com o século XIX. A princípio, o selo publicaria as obras que entrassem em domínio público. Um dos focos das coleções é investir em projetos gráficos interessantes e diferenciados, capazes de chamar a atenção do público, principalmente do universitário. O segundo objetivo do selo é convidar professores e pesquisadores para escreverem prefácios e posfácios explicando a importância e o contexto histórico de cada livro e sua respectiva autora.

Para lançar a primeira coleção do selo, *Autoras brasileiras do século XIX*, escolho duas obras de autoras essenciais para o estudo da história e da literatura brasileira: a não ficção *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta, e a ficção *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

##### 4.2.1 DIREITOS DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS

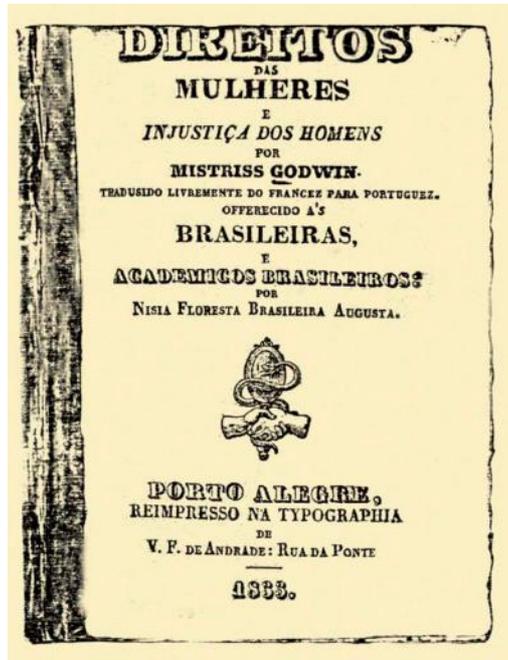
A primeira obra escolhida para a coleção *Autoras brasileiras do século XIX* foi *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta, publicada originalmente em

<sup>16</sup> Disponível em: < <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/05/24/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2020>>. Acesso em: 25 mai 2018.

<sup>17</sup> Pesquisa que resultou em livros, tais como *Imprensa feminina e feminista do Brasil*, de 2016, e *Nísia Floresta*, de 2012.

1832 pela Typographia Fidedigma, em Recife. A segunda edição, de 1833, foi em Porto Alegre, pela Typographia de V. F. de Andrade. A terceira edição foi feita no Rio de Janeiro, em 1839.

Figura 2



A 2ª edição do primeiro livro de Nísia, de 1833. Fonte: Duarte (2006, p. 12).

Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em 1810 em Papari, Rio Grande do Norte. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* foi seu primeiro livro e é a tradução livre de *Vindications of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, sendo que a obra foi adaptada para a realidade brasileira. Nela, Nísia critica a situação em que as mulheres viviam em seu tempo, praticamente enclausuradas em casa e recebendo uma educação muito inferior à dos homens. Nísia afirma a necessidade das mulheres de terem acesso à educação formal e ao trabalho. Ela defendia também que os homens eram diferentes das mulheres apenas no corpo físico e não na alma, e que a única forma de tirar as mulheres da ignorância e da ociosidade era a instrução:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. Tudo isto é admirável e mesmo um muçulmano não poderá avançar mais no meio de um serralho de escravas (*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, pp. 35-44).

Ela passa a adotar o pseudônimo de “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, revelando assim diferentes aspectos de sua personalidade: “Nísia” é o diminutivo de Dionísia; “Floresta”, uma referência ao sítio onde nasceu; “Brasileira”, a afirmação de sua profunda nacionalidade; e “Augusta”, uma homenagem ao segundo companheiro e pai de seus filhos, morto quando tinha apenas 25 anos.

**Figura 3**



**A jovem Nísia. Fonte: Duarte (2006, p. 11).**

No âmbito educacional, Nísia criou um colégio de excelência para moças no Rio de Janeiro, na atual rua Primeiro de Março, no centro da cidade. Sua escola funcionou de 1838 a 1855, com o nome de Colégio Augusto. Nísia foi uma das primeiras brasileiras a ter um colégio no país. No entanto, as críticas quanto ao seu método de ensino eram cada vez mais frequentes. No jornal *O Mercantil*, de 2 de janeiro de 1847, um crítico fez o seguinte comentário acerca dos exames finais em que várias alunas haviam sido premiadas com distinção: “trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos”.

Durante sua vida, escreveu mais de quinze obras das quais grande parte sobre os direitos das mulheres.

Nísia Floresta surgiu — repita-se — como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio de homens a dominarem sozinhos todas as atividades extra domésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase história de Trancoso, causa pasmo ver uma figura como de Nísia (Gilberto Freyre; 2004; p. 225).

Entre as suas publicações mais importantes está *Cintilações de uma alma brasileira*, cinco ensaios que tratam da educação dos jovens, publicado em Florença, em 1859. Em outro ensaio, chamado *A mulher*, de 1857, Nísia critica o comportamento superficial e mundano da francesa do século XIX.

*O Brasil*, livro que ela escreveu e publicou em Paris pela Librairie André Sagnier, em 1871, é a versão francesa do artigo “Il Brasile” [O Brasil], publicado inicialmente como parte de *Cintilações de uma alma brasileira* e traduzido do italiano para o francês pela filha da autora, Livia Augusta. No livro, Nísia expõe as qualidades de sua pátria, com um resumo da história da nação brasileira, além de apresentar as riquezas do país e seus escritores mais conhecidos.

Em *Opúsculo humanitário*, de 1853, a autora critica a educação de seu tempo, trazendo propostas de mudança e seus principais argumentos na defesa de suas ideias. A principal delas é a convicção de que o progresso social do Brasil estava diretamente ligado à emancipação feminina. Por isso, a importância de valorizar a educação das brasileiras. Esses foram os principais ensaios nos quais a autora utilizou uma voz mais persuasiva e até mesmo panfletária.

Já nas obras *Conselhos à minha filha*, de 1842; *Discurso às educandas do Colégio Augusto*, de 1847; *Daciz ou a jovem completa* e *Fany ou o modelo das donzelas*, publicadas em 1847; e *O abismo sob as flores da civilização*, de 1856, Nísia utiliza um tom mais familiar e carinhoso, como se falasse diretamente às meninas, e até revela um pouco de sua vida pessoal, o que dá ao texto um ar autobiográfico.

Segundo a pesquisadora Constância Duarte (2006; p.38), Nísia foi uma das primeiras mulheres a ultrapassar o limite do espaço privado e publicar seus textos em jornais de grande circulação a partir de 1830. Nísia passou o final de sua vida na Europa e muitos de seus diários de viagem foram publicados em várias línguas, como francês, italiano e inglês. Ela faleceu 1885 na França.

Nísia foi uma brasileira cujo olhar foi ousado, perspicaz e corajoso. Ao longo do tempo, outras de suas obras serão publicadas pelo selo aqui idealizado, como *Conselhos a minha filha* (1842) e *Opúsculo humanitário* (1853).

#### 4.2.2 ÚRSULA

A segunda obra da coleção *Autoras brasileiras do século XIX* será *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. O romance foi publicado pela primeira vez em 1859 e nele a autora esconde duras críticas históricas e sociais. Ela utiliza o romance como um instrumento de dignificação dos oprimidos, sendo o primeiro romance abolicionista brasileiro (Duarte; 2005). A autora também antecipa a literatura escravagista, mais conhecida com Castro Alves (que começa a produzir em 1876), Joaquim Manoel de Macedo, autor de *Vítimas-algozes* (1969) e Bernardo Guimarães, autor de *Escrava Isaura* (1875).

A obra ficou fora de circulação por mais de um século e seu resgate representa muito para a história da literatura brasileira. Maria Firmina dos Reis apresenta uma perspectiva diferente quanto à escravidão, que não se encontra na obra dos demais escritores do período romântico. Mulher, mestiça,<sup>18</sup> bastarda e criada sem a presença dos pais, ela assume o ponto de vista do outro, tanto no que diz respeito à representação dos escravizados, quanto no inédito enfoque das relações de dominação patriarcal sob a perspectiva da mulher (DUARTE; 2005).

No romance, apesar de o casal protagonista — Úrsula e Tancredo — ser branco, há uma preocupação com as raízes negras e a história dos povos negros, uma abordagem ousada para a época. O texto foi produzido em plena vigência da escravidão no Brasil, e nele podemos encontrar uma atenção especial em relação ao resgate da história dos afro-brasileiros a partir de um ponto de vista interno, ou seja, a partir de uma perspectiva afrodescendente. Um de seus personagens, Susana, afirma:

Oh! A mente! Isso sim ninguém pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana do pai onde nascera, e onde livre vivera! (p. 38; 39).

---

<sup>18</sup> Para os padrões da época, era comum a denominação mestiço.

Também é a primeira vez que a captura e a escravização de africanos são representados na literatura. A personagem Susana narra as condições sub-humanas nas quais os negros foram submetidos durante a travessia.

Para Maria Firmina, fica claro que a mulher é o *outro*, tanto quanto o negro. Como na cena em que a jovem Úrsula, presa em casa enquanto aguarda o seu par romântico, inveja a mobilidade adquirida pelo escravo alforriado.

Mesmo sendo um romance folhetinesco do período romântico, *Úrsula* procura se distanciar da idealização dos personagens, fugindo do óbvio. O interessante da obra de Maria Firmina é a quebra do estereótipo do negro como a mulata sensual, o negro animalizado, o negro infantilizado, o negro pervertido etc. A autora apresenta ao leitor uma imagem rara até então: pela primeira vez, mostra um negro e um branco como iguais. Como o personagem Túlio, que tem papel fundamental na narrativa, uma vez que é ele quem salva o mocinho (Tancredo) e o leva até à donzela (Úrsula). A cena é única em toda a literatura brasileira do período (DUARTE; 2005): quando o jovem branco estende a mão e cumprimenta o escravo como seu semelhante, mostrando que os negros haviam perdido a liberdade, e não a humanidade. Túlio é descrito como humano, sensível e de bom caráter. O narrador também mostra que muitas características positivas se devem ao sangue africano que corre em suas veias, herdadas de seus ancestrais e que nem mesmo os horrores do cativo tiveram o poder de torná-lo um ser embrutecido. O tratamento desumano dispensado ao escravo faz com que haja mais mérito na nobreza de Túlio do que na do jovem branco, uma vez que ele consegue manter-se incorruptível, apesar da situação adversa em que vive. Em *Úrsula*, o ser embrutecido não é o escravo, mas o senhor cruel que viveu um trauma ao perder sua irmã (OLIVEIRA; 2007).

É importante destacar que a abordagem do abolicionismo em *Úrsula* é diferente da presente em *A escrava Isaura*, de Bernardo de Guimarães. Apesar de ter sido escrito em 1875, quase vinte anos após o de Maria Firmina, época em que o movimento abolicionista já havia se fortalecido e boa parte da população já se tornara simpática à causa dos escravos, não defende os interesses do negro com a mesma ousadia. Em *A escrava Isaura*, condena-se algumas vezes a escravidão em si, com declarações proferidas pelo jovem Álvaro, que é considerado um excêntrico pelo próprio narrador: “instituição bárbara, contra a qual protestam altamente a civilização, a moral e a religião” (GUIMARÃES; 2004; p. 108). “Uma indignidade, uma úlcera hedionda na face da nação, que a tolera e protege” (IDEM; p. 110). o

O foco do romance, porém, é a história de amor que vence todos os obstáculos. Isaura deveria ser libertada não porque a escravidão é algo inaceitável, mas porque ela era branca e era um equívoco escravizá-la.

Já em *Úrsula*, conforme lembra Eduardo Duarte no posfácio: “não se trata de condenar a escravidão unicamente porque um escravo específico possui um caráter elevado. Trata-se de condenar a escravidão enquanto instituição” (2005; p. 272).

**Figura 4**



**A primeira publicação de *Úrsula*, de 1825. Fonte: Correio Braziliense**

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, em 1825. Foi poeta, compositora e professora da Cadeira de Instrução Primária, concursada pelo Maranhão. *Úrsula* foi publicado em 1859, em fac-símile, pela Tipografia do Progresso, de São Luís. A autora optou por não usar seu verdadeiro nome e utilizou-se do pseudônimo Uma Maranhense. Como sua identidade não foi descoberta, seu talento nunca foi valorizado em vida. Sua primeira biografia foi escrita em 1970, por Moraes Filho, e impressa pela Imprensa do Governo do Maranhão.

A edição que servirá de base para a nova edição será a da *Coleção acervo brasileiro Volume 2, Jundiá, SP*, já atualizada ortograficamente, encomendada pelo Governo do Maranhão nos 150 anos de Maria Firmina.

Segundo os organizadores do projeto, a cuidadosa atualização do texto foi feita pelo organizador Eduardo de Assis Duarte a partir do cotejo com as primeiras edições. A “tradução” para o português contemporâneo limitou-se ao plano vocabular, a fim de conservar a pontuação original e o estilo da escritora.

Maria Firmina dos Reis não publicou apenas *Úrsula*. A partir de 1860, ela assinava poemas publicados em vários jornais, com as iniciais M. F. R. — que depois descobriu-se serem dela. Em 1861 foi convidada a participar da antologia *Parnaso maranhense* pelo poeta Gentil Homem de Almeida Braga (1835-1876), e nela publicou o conto *Gupeva*, de temática indígena. Em 1871, publica um livro de poemas, *Cantos à beira-mar*, pela Tipografia do País.

**Figura 5**



**A jovem Maria Firmina. Fonte: Fundação Cultural Palmares**

Em 1887, em plena campanha abolicionista, Maria Firmina publicou o conto *A escrava*. Para a campanha, ela também compôs a melodia e a letra do *Hino da libertação dos escravos*. Como educadora, fundou uma escola mista e gratuita em 1880, que foi fechada em menos de dois anos. Faleceu em 1917 aos 92 anos.

Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmão!

(*Hino da libertação dos escravos*, Maria Firmina dos Reis)

## 5 O SELO

O objetivo do selo Letra Feminina é trazer à luz produções textuais que foram esquecidas pela história, ou seja, tornar acessível e estimular o interesse das novas gerações pela produção literária da mulher brasileira. Para isso, o selo contará com duas ferramentas: o projeto gráfico e a contextualização acadêmica das obras. O número inicial de títulos proposto, duas obras, não seria limitador. Uma vez editada e bem recebida no mercado, a coleção poderá receber mais volumes integrantes, com as mesmas temáticas e projeto gráfico. O design será diferente para cada obra, mas haverá elementos de identidade visual comum a todas elas.

### 5.1 DETALHES TÉCNICOS DA EDIÇÃO

#### 5.1.1 O NOME

O nome escolhido, Letra Feminina, poderá ser modificado de acordo com a casa editorial que o abrigará, uma vez que o nome é apenas uma sugestão para melhor ilustrar o projeto.

#### 5.1.2 O SÍMBOLO

Existem muitos símbolos que podem representar o feminino, como o Símbolo de Vênus (♀). Por achar o símbolo óbvio, foi decidido utilizar o símbolo do triângulo invertido,<sup>19</sup> que representaria o formato de um útero.

#### 5.1.3 AS CORES

A paleta de cores básica do selo Letra Feminina será feita a partir de tons de cinza, preto, branco, azul e roxo. A escolha principal no que tange às cores é o roxo, representando o movimento feminista, e a não utilização da cor rosa para fugir do estereótipo feminino ocidental. As outras cores seriam apenas coadjuvantes.

#### 5.1.4 O MIOLO

O conforto da leitura e o produto final bem acabado é um dos objetivos do selo, por isso a importância de investir em um papel de gramatura e cor confortáveis para a leitura. A sugestão inicial seria fazer o miolo em papel pólen soft, de gramatura média entre 70 e 80g/m<sup>2</sup> e mancha gráfica arejada.

---

<sup>19</sup> O símbolo masculino é o triângulo com uma das arestas apontada para cima.

### 5.1.5 AS CAPAS

Um dos focos do selo será o projeto gráfico. Por isso, uma ideia inicial seria convidar diferentes capistas, um para cada obra, com certa liberdade de criação desde de que seja utilizada a paleta de cores predefinida, o logotipo e o símbolo do selo na lombada. Outra ideia possibilidade padronizar as capas com as imagens das autoras, fotografias ou pinturas.

## 5.2 PARTES EXTRATEXTUAIS

### 5.2.1 PREFÁCIO

Em cada obra da coleção haverá um prefácio comum, sobre a origem da coleção e sua importância. Em seguida uma breve biografia da autora. Além disso, um artigo acadêmico será encomendado para ilustrar o valor histórico da obra, podendo ser realizado por um crítico de literatura ou um pesquisador da área. Na primeira obra, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, a convidada poderia ser a pesquisadora Constância Lima Duarte, em virtude de seu conhecimento e estudo aprofundado sobre a autora, Nísia Floresta. Já na segunda publicação do selo, *Úrsula*, o convidado poderia ser o pesquisador Eduardo de Assis Duarte, autor de artigos sobre Maria Firmina dos Reis.

### 5.2.2 ORELHAS

As orelhas serão escritas por mulheres de renome, como artistas, *youtubers*, jornalistas ou autoras contemporâneas que falarão sobre a importância da obra na atualidade.

## 5.3 DEMOGRAFIA DO MERCADO

### 5.3.1 PÚBLICOS-ALVO

- Consumidores de literatura clássica;
- Colecionadores e bibliófilos;
- Feministas.

### 5.3.2 FATORES GEOGRÁFICOS

A área de atuação inicial será o eixo Sul-Sudeste brasileiro no qual o mercado editorial é maior e apresenta maiores índices de venda. Inserindo-se, entretanto, em editora de renome já existente, presume-se que a coleção estará disponível em todo o país, além de em lojas online.

### 5.3.3 FATORES DEMOGRÁFICOS

Como público-alvo, destaco principalmente os jovens na faixa etária de 18 a 25 anos, de nível universitário. Em sua maioria, costumam ler tanto obras em volume único quanto séries, dando grande importância às recomendações que recebem através de redes sociais e blogs. É importante levar em consideração que o comportamento de compra desse grupo inclui a aquisição de livros em função de seu aspecto físico e “coleccionável”, mesmo que isso signifique pagar mais.

### 5.3.4 FATORES COMPORTAMENTAIS

O público brasileiro que compra livros com maior frequência costuma frequentar livrarias físicas, além de seus sites na internet. Um fator importante para a divulgação das coleções é o uso e a inserção constante de conteúdo de divulgação na web e nas redes sociais. Essas ferramentas são fonte primordial de informação para os jovens e de contato com sua rede de relacionamentos (amigos ou familiares). Ambos devem ser explorados dentro da estratégia de marketing do selo Letra Feminina.

A intenção é oferecer ao público boa curadoria, livros de qualidade editorial, e editoração cuidadosa, além da contextualização das obras. Por meio de aparatos que explorem e informem o leitor sobre a história e a importância das obras e suas autoras, espera-se proporcionar ao consumidor uma experiência única. Esta será a marca inovadora do selo.

## 5.4 OBJETIVOS

- **Artigos de qualidade:** Títulos relevantes e selecionados, preparados com qualidade editorial e que agradem ao leitor criterioso. Será incluída ainda a parte extratextual como atrativo e contextualização da obra inédita.
- **Design cuidadoso:** Os livros serão pensados como artigos colecionáveis, terão acabamento em capa dura, miolo de papel durável e leitura confortável. Dentro das livrarias, eles devem atrair os leitores também pelo design.

- **Ineditismo e aprofundamento:** Ao selecionar obras que não estão mais disponíveis no mercado brasileiro, o selo oferecerá conteúdo único ao leitor interessado, que será atraído tanto pelo título quanto por seus aparatos, como os prefácios escritos por pesquisadores e orelhas por mulheres que estão na mídia atual, elaborados exclusivamente para a coleção.

## 5.5 ANÁLISE SWOT

“A avaliação global das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças [de um produto] é denominada análise SWOT (dos termos em inglês *strengths*, *weaknesses*, *opportunities*, *threats*)” (KOTLER; 2000; p. 98). A análise a seguir demonstra as forças e fraquezas do produto idealizado, bem como oportunidades e ameaças a ele relativas:

### 5.5.1 FORÇAS

- Ineditismo das obras e/ou das autoras no mercado brasileiro.
- Temática com tendência de interesse em ascensão, principalmente nas mídias sociais e que conta com o apoio e interesse dos livreiros.
- Foco na beleza e no acabamento diferenciado dos livros, que vão chamar a atenção do público também enquanto objetos de desejo.

### 5.5.2 FRAQUEZAS

- Dificil atração do público em lojas online, uma que um dos atrativos do selo é o projeto gráfico.
- Nomes inéditos ou desconhecidos em função do uso de pseudônimos podem não atrair compradores.

### 5.5.3 OPORTUNIDADES

- Participação em um nicho de mercado em crescimento.
- Possibilidade de promoção de eventos em torno da temática feminina e/ou feminista.

#### 5.5.4 AMEAÇAS

Concorrência com outras casas editoriais, uma vez que as obras selecionadas estão em domínio público.

#### 5.6 CONCORRÊNCIA

Ao apresentar textos inéditos no Brasil ou há muito não publicados no país, também explorando a questão do relançamento e da reformulação de obras previamente pseudônimas, a coleção de clássicos resgatados exploraria um nicho de mercado interessante pelo pioneirismo, pelo menos em um primeiro momento. Como os títulos do selo já terão entrado em domínio público, eles podem ser publicados por outras editoras. Também deve ser considerada a resposta que a iniciativa pode receber de outras casas editoriais, que podem, porventura, lançar coleções ou livros avulsos de intenção semelhante.

Destaco, justamente por isso, a importância de um trabalho editorial e gráfico cuidadoso. O diferencial, ao lidar com textos de fácil acesso e obtenção, é a qualidade da preparação do texto e dos aparatos adicionais que serão produzidos como elementos exclusivos — prefácio com contextualização histórica realizado por especialista, biografia detalhada da autora e caderno de imagens, em lista exemplificativa —, além, é claro, do acabamento de qualidade, conferindo durabilidade e beleza estética aos exemplares. O produto final decerto irá ao encontro dos interesses do público-alvo que tem preferência por livros físicos e o hábito de consumir literatura.

#### 5.7 PRODUTOS

Dois títulos já configuram um tamanho satisfatório para o lançamento do selo e demonstração do projeto. Como já foi dito, o número não impõe um limite e mais volumes poderão ser adicionados às coleções ao longo do tempo. Abaixo, uma lista de possíveis textos a serem publicados após as duas primeiras obras:

- *Conselhos à minha filha* (1842), de Nísia Floresta.
- *Opúsculo humanitário* (1853), de Nísia Floresta.
- *D. Narcisa de Villar* (1858), de Ana Luísa de Azevedo Castro.
- *A judia Rachel* (1886), de Francisca Senhorinha da Mota Diniz.

- *Memórias de Martha* (1888), de Julia Lopes de Almeida.
- *A falência* (1901), de Julia Lopes de Almeida.

## 5.8 FATORES-CHAVE PARA O SUCESSO

O fator-chave para o sucesso dos produtos editoriais, além da seleção de bons títulos, é garantir que o público tome conhecimento e tenha acesso a eles, conjugando iniciativas e posicionamento nas livrarias com escolhas gráficas inteligentes. É importante ter como objetivo a afirmação da coleção como referência de clássicos desconhecidos publicados no Brasil.

## 6 ESTRATÉGIAS DE MARKETING

### 6.1 MISSÃO

A missão em torno da proposta do selo é levar ao leitor brasileiro obras inéditas com qualidade editorial diferenciada e estudo detalhado de seu contexto histórico, valorizando o espaço feminino nas livrarias e contribuindo para o conhecimento do público de sua produção literária.

### 6.2 OBJETIVOS

- Alcançar números satisfatórios de venda aproveitando as tendências recentes de mercado.
- Tornar-se progressivamente uma coleção de referência no segmento de literatura feminina e também no que diz respeito à qualidade gráfica e textual dos títulos.
- Promover maior destaque de clássicos escritos por mulheres dentro das livrarias.

### 6.3 POSICIONAMENTO

O projeto foi idealizado para ser implementado em uma editora brasileira já existente e reconhecida pela qualidade de suas obras e publicações, além de suas escolhas gráficas.

Com o passar do tempo e com o estabelecimento da coleção no mercado, o selo deverá ocupar um lugar de destaque na mente do consumidor em termos de qualidade e confiabilidade, em se tratando de obras clássicas escritas por mulheres, a partir de alguns pontos específicos.

### 6.4 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS

Para tanto, se prezará pela qualidade dos exemplares, de forma a chamar a atenção de colecionadores e amantes de livros, além de conferir importância ao conteúdo. O leitor terá, dessa maneira, a sensação de estar adquirindo e lendo um livro de valor, que poderá guardar durante gerações e cujo texto sobreviveu às barreiras do tempo. Além disso, cada exemplar receberá trabalho editorial cuidadoso, o que inclui a elaboração de aparatos desenvolvidos por convidados ou editores, de modo a contextualizar a obra e tornar a leitura, de certa forma, ainda mais edificante.

Outra estratégia válida é a promoção de eventos, palestras e entrevistas dentro das livrarias, o que também irá trazer à tona a discussão de temáticas femininas e chamar a atenção do público passante. Com o uso de novas tecnologias, é possível inclusive transmitir tais eventos em redes sociais, por *streaming*, recebendo perguntas e promovendo a interação com

internautas. Além disso, pode-se investir na criação de um clube de leitura voltado para as obras do selo, com debate em livrarias, como o modelo do Clube de Leitura dos Clássicos Zahar e do projeto *Leia Mulheres*.

A presença ativa do público-alvo do selo na internet também ajudará a divulgar a coleção. Além do *streaming* de eventos, é possível realizar discussões rápidas sobre as obras e temáticas relacionadas em plataformas como o Instagram. Eventualmente, sorteios podem ser divulgados em mídias sociais, e o uso de uma *hashtag* específica garantirá a presença em redes sociais como Twitter e Facebook.

Outra estratégia digital será a partir do Youtube, com escolha de *youtubers* mulheres para promover a discussão sobre temas ligados ao feminismo em seus canais. Serão distribuídos os livros do selo para blogueiras que costumam discutir feminismo e literatura.

Por fim, como forma de assegurar a exposição do selo e das coleções dentro das livrarias, os livros, em capa dura, terão suas lombadas numeradas e seguirão a mesma palheta de cores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei este trabalho perguntando às pessoas ao meu redor quais autores do século XIX elas leram nas aulas de literatura da escola e muitas me responderam: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis, entre vários outros. Quando eu perguntava sobre as autoras do século XIX que elas teriam lido, ninguém sabia o que responder. A maioria das pessoas abordadas só conhecia ou havia lido o trabalho de mulheres a partir da metade do século XX, como Clarice Lispector ou Lygia Fagundes Telles, por exemplo. A partir daí comecei a pesquisar sobre as autoras mulheres do século XIX e o porquê de elas terem sido totalmente esquecidas pelos brasileiros.

Antes de começar a pesquisa sobre as autoras do século XIX, tão desconhecidas pelo público, eu nunca havia ouvido falar em Nísia Floresta. Mesmo mulher, tendo lido uma boa parte da bibliografia feminista que existe hoje, eu nunca tinha parado para pensar nessas mulheres. Quem eram elas? O que elas escreveram nos interessa, afinal? Após ler uma reportagem sobre Maria Firmina dos Reis, busquei ler *Úrsula* e o conto *A escrava* e fiquei absolutamente admirada. Tentei imaginar uma mulher negra escrevendo um romance abolicionista com a escravidão em plena vigência, e o que senti, como brasileira, foi orgulho.

Durante a pesquisa para este trabalho, eu me surpreendi muitas vezes. Existe um universo de publicações escritas por mulheres que foram esquecidas por completo pela memória cultural brasileira. Quanto mais pesquisava, mais mulheres incríveis surgiam, com histórias fortes de superação e de enfrentamento de preconceitos. Muitas eram as barreiras erguidas na época. E o pior é que algumas dessas barreiras existem até hoje. A prova disso é que o nosso mercado continua desequilibrado em relação ao número de publicações de autoras e autores, apesar de as mulheres sempre terem sido mais leitoras do que os homens.

Diante de obras tão importantes para a nossa história, não pude deixar de pensar o quanto de conteúdo perdemos e quantas mulheres nem sequer tiveram a oportunidade de ser publicadas, como é o caso de Amélia Oliveira, noiva de Olavo Bilac, cuja carta foi anexada no fim deste trabalho: ela, como muitas mulheres, teve seu futuro e inteligência cerceados, foi tolhida e carregou essa marca até o fim dos seus dias. Muitas mulheres eram podadas pela própria família e, na maior parte das vezes, pelo próprio marido.

Ao ler algumas dessas histórias, ter acesso a essas cartas e documentos, eu só conseguia pensar em uma coisa: a nossa história precisa ser reescrita. Para ontem. Precisamos incluir a diversidade de visões e opiniões, a pluralidade de vozes que forma o povo brasileiro, e nada melhor do que a arte para representar o pensamento de uma época. Nada melhor do que a

literatura para guardarmos a nossa história. E que essa literatura passe a incluir todos — homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, imigrantes, representantes de todas as classes sociais.

Apesar de toda a perda histórica que tivemos, a boa notícia é que o mercado de livros no Brasil dá cada vez mais sinais de que a literatura posta à margem será valorizada. Movimentos como a criação de espaços nas livrarias para livros escritos por mulheres, criação de coletivos, clubes de leitura e revistas literárias para discutir feminismo mostram novos espaços para determinadas obras, esquecidas ao longo do tempo, serem reconhecidas e incluídas no cânone literário.

Muitos trabalhos acadêmicos foram feitos sobre essas obras e essas mulheres, mas ainda assim, as informações encontradas ficaram no campo das ideias, não indo para o campo prático, como medidas e espaços nos quais essas obras poderiam ser adotadas por escolas e universidades, trabalhadas em coletivos e na mídia. Por isso, vi a oportunidade de unir a pesquisa histórica com o mercado editorial e sugerir um projeto prático, que traria de volta ao público geral o conhecimento sobre essas mulheres.

Um dos objetivos do projeto é valorizar a memória cultural brasileira, e isso só tem sido possível graças ao esforço de muitos profissionais que pesquisam e trabalham em arquivos, bibliotecas e universidades, que dedicam suas vidas a isso. O Brasil, mesmo tendo uma história documentada tão recente, é riquíssimo do ponto de vista cultural, sendo repleto de influências étnicas e culturais que devem ser respeitadas e estudadas.

Durante a pesquisa, alguns avanços a respeito do assunto ocorreram, provando a necessidade de falarmos sobre essas mulheres. No fim de maio de 2018, a Unicamp divulgou em sua lista de leituras obrigatórias para o vestibular um livro inédito até então: *A falência*, escrito por Julia Lopes de Almeida e publicado originalmente em 1901. Isso é o começo de um longo caminho que será trilhado: a atenção da mídia para obras tão especiais na história e na literatura brasileira que foram silenciadas e não reconhecidas pelo cânone literário. A partir desse fato específico, podemos deduzir que, no futuro, há uma grande possibilidade de escolas e cursos adotarem esses livros em suas listas de leitura e até nas aulas de literatura brasileira. É a prova de que o movimento já está acontecendo.

Apesar de o foco deste trabalho não ter sido o feminismo em si, foi graças a esse movimento que as mulheres conseguiram ter acesso à educação, conquistar espaço no mercado de trabalho e nos jornais. Sem o movimento feminista, as mulheres não teriam sido ouvidas, e as autoras do século XIX não teriam sido publicadas. Mesmo não se declarando feministas, as mulheres daquelas épocas tiveram uma atitude feminista ao se impor diante da sociedade e ir

além do esperado. Como a professora Zahidé Muzart, uma das criadoras da Editora Mulheres, afirmou:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (“Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar”. *Em História da Literatura, teorias, temas e autores*, p. 267).

Hoje, curiosamente, é uma nova etapa do movimento feminista que vai ajudar a reaver as obras mencionadas neste trabalho: o surgimento de coletivos feministas que propõem a leitura de livros escrito por mulheres e incluem o resgate de vozes marginalizadas. Muitas autoras mais recentes, da metade do século XX até hoje, sobretudo as negras e indígenas, também tiveram suas vozes postas à margem, como foi o caso de Carolina de Jesus, autora de *Quarto de despejo* (1960). Agora a voz de Carolina está sendo resgatada, e há no mercado novas biografias, encontros para discussão e palestras sobre sua obra, além de resenhas em canais do YouTube.

Eu acredito que isso é apenas o começo e que, em um futuro breve, todos nós estaremos ouvindo nomes como Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta com naturalidade, como escutamos os nomes de Lima Barreto e José de Alencar. Há momentos na história em que determinada oportunidade surge e precisa ser aproveitada. No caso, a oportunidade está se apresentando e a hora de buscarmos em nosso passado as vozes brasileiras que foram esquecidas e silenciadas é agora.

## 9 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### Livros:

BERALDO, Wanderley. **Poetas de todos os tempos e cantos**. Joinville: Clube de Autores, 2016.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (org.). **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

CUNHA, Delfina Benigna da. **Poesias: oferecidas às senhoras rio-grandenses**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de Marketing**. 14<sup>a</sup> ed. Londres: Pearson, 2013.

RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SCHUMAHER, Maria Aparecida. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade - biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

**Artigos:**

DALCASTAGNÉ, Regina. “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”. **Iberic@ I: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, Paris, v. 2, p. 11-15, 2012.

DIAS, Maria Berenice. “A mulher no Código Civil”. **Portal Jurídico Investidura**, 2015. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/41311664/18\\_-\\_a\\_mulher\\_no\\_codigo\\_civil.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528202025&Signature=DCG9GOraKU4M0gPBKEJ3bUTstXI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3D18\\_-\\_a\\_mulher\\_no\\_codigo\\_civil.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/41311664/18_-_a_mulher_no_codigo_civil.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528202025&Signature=DCG9GOraKU4M0gPBKEJ3bUTstXI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3D18_-_a_mulher_no_codigo_civil.pdf)>. Acesso em: 4 mai. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e etnia no nascente romance brasileiro**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): p. 437-456, maio-agosto, 2005.

FANINI, Michele Asmar. “Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras”. **Estudos de sociologia**, v. 14, n. 27, 2009.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. “Ana Eurídice Eufrosina de Barandas”. Florianópolis: revista **Travessia**, n. 23, p. 15-36, 1991.

GOMES, Gisele Ambrósio. “História, mulher e gênero”. Juiz de Fora: **Revista Virtú**. UFJF, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

KARAWEJCZYK, Mônica. “Uma paulista na luta pela cidadania política: Diva Nazário e sua tentativa de alistamento em 1922”. Portal Governo de São Paulo. Edição nº 45 de dezembro de 2010. Disponível em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao45/materia05/>>.

Acesso em: 12 nov. 2017.

LUCENA, Paola Lili. “Rompendo silêncios e descobrindo as mulheres: uma análise da obra de Michelle Perrot no contexto da história das mulheres”. Juiz de Fora: UFJF, 2008.

MENDONÇA, Cátia Toledo. “Júlia Lopes de Almeida”. **Revista Letras**, Curitiba: Editora UFPR., n. 60, p. 275-296, jul.- dez. 2003.

POLESSO, Natalia Borges; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. “Da margem: a mulher escritora e a história da literatura.” **Revista Méti: história & cultura**. Caxias do sul: UCS, v. 9, n. 18, 2011.

SANTIN, Suzete Maria. “Delfina Benigna da Cunha: recuperação crítica, obra poética e fixação de texto.” Porto Alegre: PUC RS, 2011.

SIMÕES, Bárbara. “A escrita de Maria Firmina dos Reis: soluções para um problema existencial”. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional – MinC, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. “Os desafios da escrita feminina na história das mulheres”. **Revista Raído**. Dourados: UFGD, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.

### **Notícias:**

BARANOV, Tamára. “A conquista do voto feminino, em 1932”. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-conquista-do-voto-feminino-em-1932>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

CAZES, Leonardo. “As escritoras brasileiras da virada dos séculos XIX e XX que foram esquecidas”. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/as-escritoras-brasileiras-da-virada-dos-seculos-xix-xx-que-foram-esquecidas-21541955#ixzz5EgE5sqMh>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

CHAMIS, Raquel. “Pequenas notáveis: Ubu, Incompleta e Bebel Books”. **Vogue**. Disponível em: <<http://vogue.globo.com/Inspire-se/noticia/2017/11/pequenas-notaveis-ubu-incompleta-e-bebel->

books.html?utm\_source=facebook&utm\_medium=social&utm\_campaign=compartilharDeskto p>. Acesso em: 15 nov. 2017.

EIROA, Camila. “Elas escrevem sobre mulheres”. Revista Trip. Disponível em: <[https://revistatrip.uol.com.br/tpm/jarid-arraes-debora-thome-angelica-kalil-e-mariammafonseca-falam-sobre-seus-livros-sobre-mulheres?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=tpm&utm\\_campaign=jarid-arraes-debora-thome-angelica-kalil-e-mariammafonseca-falam-sobre-seus-livros-sobre-mulheres](https://revistatrip.uol.com.br/tpm/jarid-arraes-debora-thome-angelica-kalil-e-mariammafonseca-falam-sobre-seus-livros-sobre-mulheres?utm_source=facebook&utm_medium=tpm&utm_campaign=jarid-arraes-debora-thome-angelica-kalil-e-mariammafonseca-falam-sobre-seus-livros-sobre-mulheres)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LISBOA, Sílvia. “As verdadeiras mulheres de Atenas”. 20 abr. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/as-verdadeiras-mulheres-de-atenas/>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

NUNES, Ronayre. “Conheça o clássico livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis”. **Correio Braziliense**. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/04/interna\\_diversao\\_arte,614989/ursula-livro.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/04/interna_diversao_arte,614989/ursula-livro.shtml)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PORTAL BRASIL. “Bertha Lutz”. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/bertha-lutz>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

PROJETO MEMÓRIA. “Nisia Floresta”. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/pro.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

RIVERA, Adrienne. “The History and Importance of Women's Literature”. Disponível em: <<https://blog.bookstellyouwhy.com/the-history-and-importance-of-womens-literature>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

VEIGA, Edison. O mistério sobre quem realmente foi Maria Madalena. 13 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-43381775>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

**ANEXOS**

## ANEXO I – O número de analfabetos no Brasil ao longo dos anos.

Tabela 1

Evolução do número de analfabetos e da taxa de analfabetismo entre a população de 5 anos ou mais, 10 anos ou mais e 15 anos ou mais, segundo os censos demográficos. Brasil, 1872 a 2000.

Ano do Censo	População		
	Total	Não alfabetizada	
		Nº	%
a) População de 5 anos e mais			
1872	8.854.774	7.290.293	82,3
1890	12.212.125	10.091.566	82,6
1920	26.042.442	18.549.085	71,2
1940	34.796.665	21.295.490	61,2
1950	43.573.517	24.907.696	57,2
1960	58.997.981	27.578.971	46,7
1970	79.327.231	30.718.597	38,7
1980	102.579.006	32.731.347	31,9
1991	130.283.402	31.580.488	24,2
2000	153.423.442	25.665.393	16,7
b) População de 10 anos ou mais			
1940	29.037.849	16.452.832	56,7
1950	36.557.990	18.812.419	51,5
1960	48.839.558	19.378.801	39,7
1970	65.867.723	21.638.913	32,9
1980	87.805.265	22.393.295	25,5
1991	112.860.254	21.330.966	18,9
2000	136.881.115	17.552.762	12,8
c) População de 15 anos ou mais			
1920	17.557.282	11.401.715	64,9
1940	23.709.769	13.242.172	55,9
1950	30.249.423	15.272.632	50,5
1960	40.278.602	15.964.852	39,6
1970	54.008.604	18.146.977	33,6
1980	73.542.003	18.716.847	25,5
1991	95.810.615	18.587.446	19,4
2000	119.533.048	16.294.889	13,6

Fontes: Para 1872, 1890 e 1920, ver: Brasil, *Recenseamento Geral do Brasil 1920*, v. IV, 4ª parte - População, e IBGE, *Censo 1940*, os quais reproduzem os dados dos censos anteriores. Para os demais censos, ver: IBGE, *Censo demográfico, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000*. O Censo de 1900 não foi considerado em razão das distorções sobre o analfabetismo resultantes do sub-recenseamento de extensas áreas rurais em alguns estados. Sobre isto ver: Brasil, *Recenseamento Geral 1920*, e Ferrari (1985).

**ANEXO II** – Carta de Olavo Bilac para sua noiva, Amélia de Oliveira, 1888.

*“Minha Amélia*

*(...)*

*Antes de tudo, quero dizer-te que te amo, agora mais do que nunca, que não me saís um minuto do pensamento, que és a minha preocupação eterna, que vivo louco de saudade, (...) Não me agradou ver*

*um soneto teu (...) desagradou-me a sua publicação. Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade (...)*

*Há uma frase de Ramalho Ortigão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: – “O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida.” – Não é uma grande verdade? (...) há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. (...) Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, – mas nunca para o público (...)*

*Teu noivo*

*Olavo Bilac*

*São Paulo, 7 fevereiro 1888.”<sup>20</sup>*